This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

600030526M

MEDIÇINA THEOLOGICA,

OU

SUPPLICA HUMILDE,

Feita a todos os Senhores Confeſſores, e Directores, ſobre o modo de proceder com ſeus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Laſcivia, Colera, e Bebedice.

LISBOA:
Na Offi. DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impreſſor da Sereniſſima Caſa do Infantado.
ANNO M. DCC. XCIV.
Com Licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Si cladis causa cognoscitur, & medela vulneris invenitur.

Divus Cyprianus de Lapsis.

Foi taxado este livro em papel a quatrocentos réis. Mesa 30 de Outubro de 1794.

Com duas rubricas.

BOD ... 26 ... 1900

PREFAÇAO.

NAquelles momentos felices, em que o Pai das luzes aviva nos corações dos homens hum affecto íntimo de piedade, para conhecerem primeiro suas misericordias, e depois à grandeza das iniquidades, com que nós todos os mortaes o havemos offendido, ou por miseria, ou por malicia: nestes momentos he que lançando eu huma vista de olhos sobre mim, e sobre o Universo inteiro, comecei a filosofar sobre a ruina, e estrago, que geralmente em todos os estados faziaõ os tres peccados, hum o da Lascivia, outro o da Colera, e o terceiro o da Bebedice.

Naõ me causou tanta pena a corrupçaõ, em que antes do Diluvio havia cahido o Gentilismo, e ainda agora se abysmava nos appetites de sua carne; porque offuscada a razaõ, e attenuado o livre arbitrio, vivia todo o homem debaixo da tyrannia do Principe das trévas, e da rebeldia de suas paixões. O Christianismo he o que mais me lastimou, e arrebatou toda a minha compaixaõ, porque luzindo nelle o Farol da Fé, naõ dá lugar a que os Christãos se deixem surprender das trévas do engano; havendo nelle tanta sciencia devia desapparecer a ignorancia; e correndo em fim nos seus Sacramentos as fontes da Graça podia prosperar a santidade, crescer a virtude, e extinguir-se todos

os vicios: succede pelo contrario, que só domina a desordem, e a iniquidade, propaga-se a libertinagem, desfallece o Santo, e marchaõ todos pela estrada dos peccadores. Oh meu Deos! Suspendei o furor das vossas iras, prendei com fortes diques a torrente do peccado, que trasborda, e inunda vossa Igreja.

Este pensamento excitou em meu espirito hum desejo de remedio a tantos males, e a Confissaõ foi o que logo se offereceo como hum entre todos o mais proporcionado, e efficaz; porque descobrindo-se nella as chagas todas do coraçaõ humano facilmente saõ conhecidas, e podem ser inteiramente curadas pelos Medicos, que as observaõ, e examinaõ em segredo. Já Celso dizia (*), que se devia preferir hum Medico, que nos conhecia, a hum Estrangeiro, que naõ nos conhece, ainda que este fosse mais habil. Estes Medicos saõ os Senhores Confessores, e Directores. Toda a Theologia ha muitos Seculos os tem considerado como taes; ninguem nos conhece melhor que elles, e neste conhecimento naõ póde haver engano. As regras, ou methodo, com que devem curar, tambem já tem sido delineadas á proporçaõ da mesma qualidade de Medicos com que saõ distinguidos. Nada faltaria se este Ministerio naõ podesse ser considerado mais que entre os limites da Theologia. Porém aqui he que minhas esperanças naõ podiaõ ficar satisfeitas, e a expe-

(*) In fin. Præfat.

periencia me tinha mostrado, que os remedios moraes tinhaõ poucos successos, que podessem alentar a confiança de os applicar a todos com igual effeito.

Por isso tomei a resoluçaõ de ampliar a idéa, que geralmente se tem formado da qualidade, ou officio dos Confessores, mostrando até onde podia chegar a denominaçaõ de Medicos, com que saõ decorados, pela necessidade em que estaõ de conhecer radicalmente muitas doenças, que, depois de inficionar o corpo, penalizaõ a alma, e os faz desfalecer, ou cahir em peccado. Daqui se seguia naturalmente fallar em todas aquellas enfermidades, que precediaõ os peccados da Lascivia, Colera, e Bebedice, que tambem se póde dizer saõ suas origens, e mesmo que sempre, ou os acompanhaõ, ou os suppõem. Era consequencia fallar em Capitulos distinctos de todos os males, que se derivaõ dos ditos peccados; porém como estes males em si naõ saõ peccados, nem tambem nelles influem de novo, por isso os omitti, e ficaõ reservados para os trabalhos dos Medicos, e Cirurgiões, que os devem tratar, e curar.

Mas porque seria inutil declarar as queixas, que os Senhores Confessores devem conhecer, e curar, sem insinuar os seus remedios fysicos, exponho tambem aquelles, que saõ mais convenientes, e se podem praticar com segurança, segundo as conjuncturas de estado, sexo, e idade, quero dizer, que manifesto em cada enfermidade aquelles medicamentos respectivos,

de que geralmente podem uſar com ſegurança os homens, e mulheres, velhos, e moços, peſſoas ſolteiras, caſadas, eccleſiaſticas, ou ſeculares, e regulares, que forem tocados de algum dos vicios mencionados.

Da exhibiçaõ, e do uſo dos remedios fyſicos poderiaõ naſcer algumas dúvidas Theologicas, mas naõ me eſqueci de as reſolver, ou nos meſmos Capitulos onde ſe formáraõ, ou em outros reſpectivos, e particulares. Tambem do uſo dos remedios podia naſcer algum deſejo de ſe ſaber ſeus perigos, e precauções, mas igualmente deixo tudo iſto indicado, e ſatisfeito.

Depois do uſo dos remedios fyſicos, tirados ſómente da Medicina, me empenhei a inculcar os que ſe podem chamar Theologicos, por ſerem preſcriptos na Eſcriptura Santa, e coſtumarem ſervir de materia ás Penitencias. Chamei a todos Dietetica Sagrada, e fiz ver como podiaõ ſer praticados com mais fruto dos penitentes, e conformidade ao eſpirito da Santa Igreja Catholica.

Iſto feito, acabo minha obra com huma exhortaçaõ a todos os Penitentes, ſobre a utilidade da Confiſſaõ, e ſupplico aos Senhores Miniſtros do Tribunal da Penitencia queiraõ tratar por eſte modo a nós outros peccadores, conduzindo-nos por hum caminho ſeguro, e racional, livre daquelles perigos de illuſaõ, em que aos Confeſſores, e Penitentes tem mettido tantos Eſcriptores, deſpidos das ſciencias fyſicas,

cas, e mesmo mui pouco criticos nas Theologicas, que tudo querem attribuir á violencia do demonio, e nada ás enfermidades da natureza humana.

Queiraõ pois os Senhores Confessores ler esta obra, e deferir á súpplica, que comigo lhe fazem todos os Penitentes, que se desejaõ emendar de seus peccados, e caminhar em paz nos atalhos da salvaçaõ.

MEDICINA THEOLOGICA, OU SUPPLICA,

Em que aos Senhores Confessores pedem os Penitentes queiraõ considerar, como neste

CAPITULO I.

Os Senhores Confessores devem ser chamados Medicos do homem, e naõ só do seu espirito.

QUATRO saõ os officios que dizem os Theologos exercita hum Confessor no Sacramento da Penitencia, que saõ: o de Pai, de Juiz, de Doutor, e de Medico. Estes officios saõ distinguidos por todos os Moralistas, na intençaõ de que os Confessores por todos os modos procurem a salvaçaõ de seus Confessados; porém bastava que nelles se reconhecesse o officio de Medico para os obrigar a desempenhar todos os demais; porque na qualidade naõ estaõ incluidos os officios de Doutor, de Pai, e de Juiz naquella

mesma extensaõ que até agora se ha admittido? He sem dúvida; porque supponde-se estes officios espirituaes, e sendo hum só o espirito de Deos, que dirige ao Confessor na salvaçaõ dos Penitentes commettidos a seu cuidado, bastava designar-se este espirito por hum só nome, que comprehendesse todos os outros. Ora este nome he o de Medico; porque ser Medico, quer dizer: hum sogeito que examina seu enfermo com cuidado, combina com attençaõ as circunstancias da culpa, julga da sua causa com inteireza, ensina com brandura tudo quanto o Penitente deve fazer para evitar seus peccados, prescreve os remedios necessarios para os curar, e mesmo procura com affecto estes remedios; e eis-aqui exercitado com o officio de Medico tambem o de Juiz, de Doutor, e de Pai.

Eu naõ pertendo confundir estes officios, antes desejava que os Senhores Confessores nas funções de seu Ministerio se revestissem sempre da ternura de hum Pai, que cuidadoso da salvaçaõ de seus filhos, lhes manifestassem tanta piedade, que todos entendessem os queriaõ ver santos naõ só no espirito, mas tambem na carne. Desejava que naõ sómente examinassem seus Penitentes ainda com maior industria, do que o costumaõ fazer os Juizes Seculares, fazendo-os descobrir naõ só os crimes occultos, mas ainda suas causas, seus motivos, com todas as mais circunstancias que se podem suspeitar do tempo, e do lugar; porque por este exame fica-

cariaõ elles mais capacitados da indole do Penitente, e por consequencia da qualidade de seus propositos. Desejava que como Doutores os ensinassem naõ só aquelles mysterios essenciaes da Virtude, e do Christianismo que todos devemos crer, e praticar sob pena de condemnaçaõ, mas tambem aquelles modos que facilitaõ a sua observancia, e excitaõ igualmente a vontade para a pratica das devoções. Tudo isto desejava, mas persuadido que os Senhores Confessores melhor o sabem, e podem fazer do que eu declarallo, por isso lhes fallo sómente no officio de Medico que tem, provando a grandeza da sua extensaõ, que até agora tem sido taõ limitada pelos mesmos Theologos, que naõ chegáraõ a dizer mais, que os Confessores saõ medicos do Espirito.

Se esta proposiçaõ se entendesse do mesmo modo, como vulgarmente entendem os Fysicos, quando chamaõ Medicos do Espirito a Antonio le Camus, a Verdriers, e outros que escrevêraõ da Medicina do Espirito, e do equilibrio do Corpo com a alma, entaõ eu ficaria descançado, e com Medicos taõ sabios passaria a expôr todos os methodos de curar as paixões da alma; porém a intelligencia da dita proposiçaõ naõ he a mesma nos Theologos, que nos Fysicos, porque estes por Medicos do Espirito entendem aquelles Medicos, que naõ dividindo no homem vivo a alma do corpo, mas considerando sempre sua uniaõ, e mútua correspondencia em todas as acções de qualquer ge-

nero que sejaõ, julgaõ que o espirito he sempre affectado quando no corpo se produz alguma mudança, e que remedeada esta mudança do corpo se remedea em consequencia a turbaçaõ do espirito. Os Theologos porém só chamaõ Medicos do Espirito áquelles, que sabendo que coisa seja peccado, buscaõ a sua emenda, e puniçaõ no pezar da alma; ensinaõ que com huma distracçaõ piedosa do entendimento, ou huma resistencia constante da vontade se póde a alma subtrahir a todas as tentações do demonio, do mundo, e da carne; e naõ prescrevem outro remedio que orações, jejuns, e disciplinas. O corpo entre estes Senhores Medicos do Espirito, he sempre olhado como hum escravo rebelde, e merecedor sómente de ser dilacerado com tormentos, por concorrer algumas vezes para a execuçaõ do peccado, ainda que outras vezes em nada participe dos segredos da alma, que he sua Rainha e Senhora.

Ora este sentimento dos Theologos, taõ longe está de poder servir de fundamento, para que com verdade se chamem os Confessores Medicos do Espirito, que antes melhor os caracterizaõ por destruidores da humanidade. Sim: porque, se he impossivel haver operaçaõ em huma alma, que seja independente da modificaçaõ do corpo com que está unida, como he hoje sentença corrente dos Filosofos; se esta uniaõ da alma, e corpo, he uniaõ necessaria com igual correlaçaõ, ou communicaçaõ entre si,

ſi, ſaõ tambem neceſſarias por conſequencia as reciprocações mútuas de ſuas funções, e operações; ha de o Confeſſor de neceſſidade ſer Medico do Eſpirito, e do Corpo, em huma palavra, ha de ſer ou Medico do homem, ou deſtruidor de ſua humanidade.

A ſentença que até agora melhor explicou o modo deſta uniaõ da alma com o corpo, foi aquella que em Mr. le Cat foi coroada na Academia de París, e que a eſtabelece no intermedio dos eſpiritos animaes. Une-ſe a alma immediatamente com os eſpiritos animaes, ou por outro nome, o ſucco ethéreo, que flue pelos nervos, e ſuſtenta todos os movimentos do homem; e eſte ſucco ethéreo unindo-ſe tambem immediatamente com o corpo, vem eſte por boa dialectica a unir-ſe tambem com a alma. Ora naõ ha movimento eſpiritual, ou corporal, naõ ha paixaõ, naõ ha vicio, naõ ha peccado que poſſa conſiderar-ſe ſem concurrencia deſte ſucco ethéreo; logo naõ póde haver operaçaõ no homem, que naõ tenha por Agente a alma, e o corpo intimamente unidos: mas havendo eſta uniaõ, e ſendo igualmente certo terem as paixões, principalmente a da Laſcivia, Colera, e Bebedice ſua conſummaçaõ no Corpo, quem naõ vê ſer fantaſtico o titulo de Medico, que cura ſó o Eſpirito ſem cuidar do Corpo? Quem naõ vê que o Confeſſor para ſe conſervar eſte titulo honroſo deve ſer chamado Medico do homem? Eu naõ lho poſſo negar, e ſe o houveſſe de reſtringir, diria ſim, que era

Me-

Medico do homem, mas homem Chriſtaõ; por ſer a Confiſſaõ ſó no Chriſtianiſmo hum Miniſterio de Medicina, empenhado a curar os peccados humanos.

Quererem tambem os Senhores Theologos conſiderar o corpo como hum eſcravo da alma, que por mil rebeldias a inſulta, e ultraja, para dahi ſe tomar hum motivo piedoſo de o dilacerar com açoites; iſto he commetter huma injuſtiça, e negar com erro, que o Corpo ſeja hum companheiro da alma; naõ diſſe bem, he aſſeverar que Deos impôz ao corpo huma lei que naõ exiſte, he perſuadir que o corpo naõ eſtá unido com a alma, fazendo ambos hum ſó ſuppoſto, huma ſó peſſoa. Se o corpo, e a alma conſiderados metafyſicamente ſaõ de diverſas ſubſtancias, a ſua nobreza he muito gratuitamente diſtinguida huma da outra; porque ambos tiveraõ o meſmo Deos por Creador, ambos foraõ unidos no meſmo inſtante da ſua creaçaõ, ambos vivem com mútua dependencia, ambos tem igual relaçaõ ao complemento do Univerſo, ambos foraõ punidos com males temporaes depois do primeiro peccado, ambos ſe haõ de ſeparar na morte, ambos haõ de permanecer na eternidade, e reunir-ſe outra vez para receberem no meſmo ſuppoſto, ou o premio, ou o caſtigo dos peccados, e virtudes que juntos ambos commetteraõ, e praticáraõ. No Tribunal de Deos, naquelle dia ultimo, nem o corpo imputará ſó á alma os ſeus peccados, nem a alma ſe attribuirá tambem ſómen-

te

te a si só as suas virtudes; a gloria, e a pena será commua para ambos, e neste intervallo de tempo, que medêa na separaçaõ das almas, e dos córpos de todos os que desde a origem do mundo até agora tem morrido, nem a alma, nem o corpo merece, ou desmerece por mais gloria que tenhaõ huns, e ignominia outros. A mesma Escriptura Santa favorece inteiramente este sentimento, quando o bem, e o mal attribue naõ á alma só, nem ao corpo só, mas sim ao todo unido que fórma o homem, e mesmo quando lemos, que o corpo que se corrompe aggrava a alma, nos deixa persuadidos, que a correspondencia destas duas substancias unidas he mútua, e necessaria, e que quando hum adoece, adoece tambem outra, ou que o peccado de huma he tambem o peccado de outro, a vileza de hum, a vileza de outro; *Corpus quod corrumpitur aggravat animam.*

Quem diz pois, que os Senhores Confessores saõ só Medicos da alma se engana, senaõ quer que elles estendaõ seus cuidados aos córpos dos Penitentes. Saõ sim os Confessores Medicos das almas, que devem curar as paixões humanas, reformar o mundo, e extinguir nelle as origens de todos os peccados, como queria o Santo Padre Pio V. Eu o creio, e assevero, porém he entendendo sómente daquelles que conhecendo o homem fysico, e moral, estudando continuamente os mysterios da graça, e da natureza, combinados em individuos singulares, sabem como huma, e outra se concordaõ,

daõ, ſabem tambem como a alma obra no corpo, e o corpo na alma, ſabem como ambos ſe communicaõ, e ſe firmaõ em ſuas paixões, e adquirem ſuas virtudes; e depois de conhecido o jogo deſte mechaniſmo occulto, deſta ſympathia admiravel, tiraõ indicações ſeguras, formaõ juizos certos, e applicaõ remedios naõ ſó moraes, mas tambem fyſicos, ou proporcionaõ ambos de modo que facilmente curem os peccadores de ſuas enfermidades eſpirituaes, e corporaes, e os dirigem em fim nos caminhos da ſaude do corpo, e da ſalvaçaõ da alma.

Daqui ſe vê que eu conſidero aos Confeſſores como Medicos que curaõ naõ ſó o formal dos peccados, porém tambem o material, iſto he, que naõ ſómente conhecem dos peccados como huma tranſgreſſaõ da Lei, mas tambem das cauſas fyſicas de que elles dimanaõ: que naõ ſómente abſolvem os Penitentes depois de ſe capacitarem de ſua dor, e propoſito; mas tambem que lhes preſcrevem medicamentos fyſicos, que os ajudaõ a perſerverar na emenda promettida, a vencer os máos habitos, e ainda a mudallos, ou a facilitar a ſe adquirirem outros ſantos em lugar dos perverſos que tinhaõ. Eis-aqui tambem o que eu chamo Confiſſaõ, e o que igualmente ſó he que ſe póde chamar converſaõ perfeita dos peccadores.

Eſta minha pertençaõ deve fazer honra a todos os Senhores Confeſſores, e cada hum delles ſe deve intereſſar em meu deſignio, que

naõ he outro, que de os reſtabelecer em ſeus direitos antigos. Elles ſabem, ou ao menos com facilidade podem ſaber, que deſde aquelle tempo, em que a Medicina principiou a ſer arte, ſe ligou ao miniſterio dos Sacerdotes da Religiaõ, e quando alguma doença ſe curava por outros cuidados, deviaõ reconhecer com tudo a authoridade deſtes Miniſtros, levando aos ſeus Templos como hum tributo todas aquellas taboas, e monumentos, que em compendio enſinavaõ a hiſtoria de tal, e tal enfermidade. No meſmo Chriſtianiſmo depois de Jeſu Chriſto, que curando os córpos, e ſalvando as almas, ſe fez noſſo exemplar na Medicina, houveraõ hum Medico Evangeliſta, Santos Papas, Biſpos, e outros Miniſtros do Altar, que ajuntando a Theologia com a Medicina, produziraõ mais fruto na Igreja de Deos, do que aquelles Theologos Aſceticos, e abſtractos, que occupados unicamente de idéas Platonicas, e Ariſtotelicas, tomáraõ por profana toda a Medicina, e vieraõ a deſprezar todas as Leis da Natureza, obſervando muito mal as ſobrenaturaes, e Divinas. Foraõ Medicos muitos Sacerdotes de Jeſu Chriſto, e o deviaõ ſer todos os Confeſſores, para que o titulo de Medicos que tem naõ foſſe hum nome vaõ, e de ceremonia, mas ſim para que foſſe real, e legitimo, capaz de ſatisfazer a todas as funcções em que a Medicina ſe exercita. Foraõ Medicos grandes Miniſtros do Altar, eſtudáraõ a natureza humana de todos os modos, conhecêraõ

ſuas forças, e enfermidades, curáraõ eſtas, e preſérváraõ aquellas, foraõ dignos de mil louvores. Porque pois naõ ſeraõ os Senhores Confeſſores inteiramente Medicos do homem? Porque ſe deſdenháraõ deſta honra?

Porém, dir-me-haõ, que os Canoniſtas naõ approvaõ minha pertençaõ, por ſer huma ſentença corrente entre elles, que o exercicio da Medicina faz irregulares aos que a praticaõ, e já mais os Confeſſores quereráõ expôr-ſe a incorrer neſta irregularidade: ao que podia reſponder: que eſta ſentença naõ eſtá definida, e que outros Canoniſtas defendêraõ tambem a opiniaõ contraria, mais ponderoſa na verdade em ſeus fundamentos intrinſecos; moſtrando que naõ tem os Sacerdotes prohibiçaõ alguma para o exercicio da Medicina; mas que baſta empenharem todo o ſeu cuidado, e arte para naõ errarem com perigo de vida dos enfermos. O Grande Navarro, e Farinaceo aſſim o aſſeveraõ com outros, que naõ tem menor authoridade. Porém minha pertençaõ naõ ſe extende a tanto. Eu naõ quero inculcar que os Senhores Confeſſores andem a correr o mundo para curar a todos os enfermos, e de todas as enfermidades. O que pertendo ſómente he fazer-lhes conhecer, que o officio, e denominaçaõ de Medicos, que poſſuem, deve paſſar do conhecimento dos males do Eſpirito, tambem áquelles males do corpo de que ſe originaõ os do eſpirito, e que com eſte conhecimento exercitem tambem a Medicina nas meſmas queixas,

e

e ſó para o fim de fazerem mais virtuoſos aos ſeus confeſſados, o que he facil, e naõ involve perigo algum de vida, principalmente ſe os Confeſſores tiverem huma ſciencia profunda de todas as partes da Medicina, o que nunca a ninguem foi prohibido pelos Santos Canones, antes era juſto que aſſim ſoubeſſem para evitarem em muitos caſos o recurſo de ſeus confeſſados a outros Medicos, talvez bem ignorantes na ſua Arte, e ſómente ſabios em matar, e ganhar dinheiro.

Eu me reſtrinjo ainda mais, e meſmo me contento que os Senhores Confeſſores tiveſſem ſómente da Medicina aquelles conhecimentos fyſicos, que lhes moſtraſſem os inconvenientes da Laſcivia, Colera, e Bebedice; ou aquellas enfermidades que na Theologia tem o nome de Carnaes, para que ſabendo-as curar, ſoubeſſem tambem conſtituir ſeus confeſſados no caminho da ſalvaçaõ, com eſperança mais ſegura da emenda de ſeus máos habitos.

Porém para mais clareza deſte aſſumpto digamos ainda no ſeguinte

CAPITULO II.

Se póde ser bom Confessor o Theologo, que for bom Medico.

NAõ sei na verdade como a Theologia naõ obriga universalmente a todos, que se applicaõ ao seu estudo, a se applicarem tambem ao estudo da Medicina. Estas duas Sciencias deviaõ estar taõ ligadas, que nunca andassem huma da outra separadas: ambas se dizem huma correlaçaõ taõ notavel, que quem a ella chega a attender, exclama logo: Como he possivel que haja Theologo sem ser Medico! S. Paulo quer que subamos do conhecimento das obras visiveis de Deos ás suas operações invisiveis; que as creaturas sejaõ hum espelho da Divindade, e a natureza, ou sã, ou enferma a Pregoeira mais legitima da excellencia da Graça. Na Escriptura Santa, e nos Santos Padres se achaõ outras maximas singulares, que mostraõ bem a connexaõ da Medicina com a Theologia: e eu entrára com grande gosto em huma carreira extensa, que fosse descubrindo a alliança necessaria destas duas Sciencias em todos os Dogmas do Christianismo, e fizesse ver a impossibilidade de se ter delles huma verdadeira intelligencia, sem se ter de ambos hum conhecimento exacto.

Eu fizera ver como os Santos Padres tomáraõ da Medicina mil razões, e comparações pa-

para provarem os Myſterios da Trindade Santiſſima, o da Incarnaçaõ Divina, a Euchariſtia, a Confirmaçaõ, o Baptiſmo, &c. Fizera apparecer todas as obras de Deos como objectos proprios da conſideraçaõ dos Medicos, e concedidos como de empreſtimo ás meditações dos Theologos. A creaçaõ do mundo, iſto he, daquella obra que o Senhor ha feito em ſeis dias, o Ceo com todos os ſeus Aſtros, a terra com todos os ſeus mineraes, vegetaes, animaes, e o homem, eſta machina viſivel que nos encanta com todas as ſuas Leis, e individuos, ſó o Medico tem della hum conhecimento mais profundo, que o faz entrar com facilidade na intelligencia da Eſcriptura Santa. Pergunte-ſe a hum Theologo por toda eſta variedade de objectos, que ſe comprehendem nos Livros de Moyſés, e dos Profétas, em todo o Teſtamento Velho, e Novo, e ſe verá como elle ſem exceptuar as meſmas queſtões dogmaticas ſe ſerve da Fyſica para explicar tudo o mais, ou nos remette para aquelles que tomáraõ em partilha o eſtudo da natureza. Porém eu naõ me occupo agora com eſte argumento (naõ por elle ſer fóra do meu aſſumpto, mas ſim porque me conduziria muito longe, e extenderia eſta obra a hum grande volume, que enfadaria a quem a quizeſſe ler em breve tempo.

A Theologia pratica, o officio de Confeſſor he ſó o de que devo tratar, ſegundo aquelle reſpeito que os faz Medicos das almas, e que pa-

para bem cumprirem as ſuas obrigações lhes he preciſo ſaberem a Medicina do corpo. Neſte ſentido he que digo ſer bom Confeſſor o que he bom Medico, e que entre milhares deve ſer eſcolhido aquelle que melhor tiveſſe unido a ſciencia das enfermidades da alma com as do corpo, e ſoubeſſe em tudo remediar as deſte para curar as daquella.

Sim: porque aſſim como he ſómente bom Medico do corpo aquelle que depois de conhecer as cauſas das ſuas enfermidades, e os methodos differentes de as curar, ſabe com prudencia applicar os remedios convenientes na occaſiaõ: aſſim tambem deve ſómente ſer conſiderado por bom Confeſſor, aquelle que tendo antecipadamente hum conhecimento exacto das cauſas das enfermidades da alma, as ſabe depois remediar por methodos differentes. Ora eſtas cauſas tanto na Medicina do corpo, como na do eſpirito ſaõ todas corporaes, pois ou no corpo tem ſeu aſſento, ou delle dependem; logo tambem devem ſer corporaes os remedios; mas deſtes remedios ſó quem he bom Medico corporal tem perfeito conhecimento, logo ſó ſerá tambem bom Medico eſpiritual o que for bom Medico corporal.

O fim da Medicina corporal he recuperar a ſaude perdida, e conſervar a que ſe ha recuperado; eſte meſmo he tambem o officio do Confeſſor; mas aſſim como o Medico corporal para ſatisfazer a eſte fim, deve procurar junto com a do corpo a ſaude da alma, aſſim tambem

bem o Medico eſpiritual para ſatisfazer ao meſmo fim, deve junto com a ſaude da alma procurar a do corpo.

O eſtado da natureza, e o eſtado da Graça ambos ſaõ obras de Deos, que ſe podem unir no meſmo ſugeito, e na verdade ſe unem em quanto na natureza ſe naõ ſuſcitaõ aquellas enfermidades criminoſas, que tiraõ a vida á alma, e ao corpo, como a fé enſina: ora como a bondade do Medico corporal ſe eſtende a conſervar em ſaude o eſtado da natureza, ſem deſtruir o da Graça, aſſim tambem a bondade do Confeſſor deve eſtender-ſe a conſervar o eſtado da Graça ſem deſtruir o da natureza; mas como iſto naõ poderá fazer quem naõ for inſtruido, tanto na Theologia, como na Medicina; logo o bom Confeſſor para ſer tal, deve ſer tambem bom Medico, ou por outros termos deve o Confeſſor para ſer bom praticar a Medicina com a Theologia.

Os dois braços da boa Medicina ſaõ a razaõ, e a experiencia, com elles adquirem os Profeſſores hum bom nome, tanto na Theoria, como na pratica: o Confeſſor tambem deve exercitar o ſeu miniſterio com eſtes dois braços: ora a razaõ lhe moſtra, que mal poderá elle combinar os peccados dos homens com as Leis Divinas, ſe conhecendo ſómente eſtas naõ examinar todas as circunſtancias que influem naquelles; mas como a experiencia igualmente moſtra que muitos peccados humanos tem ſua origem, naõ digo ſó nas enfermidades da na-

tu-

tureza em geral, mas ainda em doenças particulares do corpo; logo para se dizer que o Confessor he dotado de razaõ, e experiencia deve possuir o que esta mesma razaõ, e experiencia persuadem ser-lhe necessario, e sendo a Medicina o que estaõ persuadindo, segue-se que quando o Confessor a possue, entaõ he que elle he qualificado de bom.

Mas para que he provar com argumentos variados hum ponto de que todos na mesma prática mostraõ estar persuadidos? Qual he o Confessor discreto, e amigo de acertar, que naõ queira ler os Medicos Legistas, taes como hum Paulo Zachias, &c.? Quantas vezes saõ estes Authores consultados no fòro interno, e externo? E tambem qual he o Penitente que sabendo que algum Theologo he juntamente Medico o naõ queira ter com preferencia por Confessor? Pois porque obraõ assim todos, senaõ porque por hum sentimento commum estaõ capacitados da necessidade da uniaõ da Medicina com a Theologia, ou que só he bom Confessor o que tambem he bom Medico? Logo esta questaõ he sem dúvida, e naõ necessita de ser provada. Passemos pois a dizer no seguinte

CAPITULO III.

O Confessor deve tambem saber Medicina corporal.

OS Senhores Confessores porque saõ constituidos Medicos das almas, ficaráõ com a obrigaçaõ de se prepararem antecipadamente pelo estudo das enfermidades da alma, e seus remedios. Este estudo comprehende tudo aquillo que os conduz a conhecer os peccados, igualmente que as virtudes praticaveis em cada estado, e condiçaõ dos homens: a Theologia, os Direitos, e a Historia saõ as Sciencias que se julgaõ mais necessarias para elles desempenharem o seu officio, e que com justo titulo se chamaõ Medicina espiritual: Eu louvo muito este estudo, e desejava que elle fosse universalmente requerido a todos os Senhores Confessores, e que nenhum delles se contentasse com aquella sufficiencia de que hum Santo Papa os manda examinar; e de que os mesmos Senhores Confessores explicaõ a extensaõ como lhes agrada; dizendo huns que basta para confessar haver lido alguma Summula de Moral, tal como o Larraga, e outros que he sufficiente o conhecimento da Theologia que mais anda em moda no seu tempo, quer ella seja probabilistica, ou probabilioristica, tucioristica, ou rigoristica. Abunde cada hum em seu sentimento porque todos se capacitaõ que conhecendo-se

os peccados, e as virtudes, ſe tem a ſufficiencia neceſſaria; mas iſto naõ deve impedir para que eu naõ peça com todos os Penitentes, queiraõ os Senhores Confeſſores perſuadir-ſe, que tambem lhes he neceſſaria alguma ſufficiencia no conhecimento da Medicina corporal.

Sim, porque a maior parte dos peccados de que no Tribunal da Penitencia ſe accuſaõ os homens, ſaõ verdadeiras enfermidades tambem de ſuas carnes. O eſpirito muitas vezes deixaria de peccar, ſe o corpo eſtiveſſe ſaõ: as fraquezas deſte occaſionaõ as quédas daquelle: o homem he que pecca, a elle he que Deos ha punido com os males temporaes, e corporaes, e eſtes males ſó os conhece bem a Medicina corporal, porque ſó ella ſe empenha a remediallos para dahi remediar tambem os que reſultaõ na alma. Ora devendo os Senhores Confeſſores remediar os males da alma pois delles ſaõ conſtantemente Medicos, e ſendo igualmente certo, que os males do eſpirito ſó ſe remedêaõ com ſegurança, quando ſe remedêaõ os do corpo, com que aquelles ſe ligaõ, ſegue-ſe, que ſó ſabendo os Senhores Confeſſores Medicina corporal, he que poderáõ deſempenhar o officio de Medicos eſpirituaes.

Mas que parte de Medicina corporal ſaõ obrigados os Senhores Confeſſores a ſaber? A conformidade de deciſaõ deve aqui reinar entre a Medicina, e Theologia: baſta aquella parte da Medicina que he ſufficiente, e neceſſaria para o dito deſempenho: baſta aquella

 par-

parte da Medicina que ensina a conhecer todas as enfermidades corporaes, de que se originaõ os peccados da alma. Os dois livros da Medicina de Espirito, que publicou o sabio Francez Antonio le Camus podiaõ entrar no rol daquelles que naõ se dispensaõ aos Confessores. Elle ensina a remediar as paixões da alma remediando as enfermidades do corpo: lêllo pois, e sabello bastava para se dizer, que hum Confessor possuia a sciencia sufficiente da Medicina; mas como este Author escreve para Medicos instruidos na materia Medica, ou que sabem escolher na classe dos simplices as drogas mais convenientes, e combinallas em formulas bem calculadas, por isso o seu livro póde naõ ser julgado sufficiente para aquelles Senhores Confessores, que naõ tem adquirido a sciencia de receitar os principios que facilitaõ a intelligencia da Medicina. Bem vejo que poderá haver algum outro livro, que com o mesmo assumpto traga já as receitas formuladas, mas como eu delle naõ tenho noticia, por isso lembro o arbitrio de accrescentar de Antonio le Camus, ajuntando-se-lhe as receitas necessarias, ou que se faça outro por quem melhor o souber. Eu lhes offereço esta obra em que acharáõ as receitas necessarias, naõ só para remediar os tres generos de enfermidades de que nellas se faz mençaõ, mas tambem a outras muitas, que os Senhores Confessores acharáõ ser similhantes. Naõ duvido que os Senhores Confessores a lêaõ, porque o conceito que faço da sua benig-

nidade me deixa esperar naõ deferiráõ á supplica que lhes faço logo nas primeiras folhas deste livrinho; mas nem por isto quero dizer que julgo ser a Medicina comprehendida nesta obra a sufficiente para o desempenho da obrigaçaõ dos Senhores Confessores.

A Sciencia Medica que eu peço naõ se aprende nos livros. Estes sim ensinaõ as regras da Medicina prática depois da Theorica, mas isto naõ basta para fazer Medicos. A natureza he que deve ser o Codigo dos Senhores Confessores, só ella lhes fará conhecer as enfermidades que devem curar; porque só ella se descobre pelos peccados de que se accusaõ os Penitentes. Os peccados v. g. da Lascivia, Colera, e Bebedice mostraõ que o Penitente tem huma disposiçaõ em sua carne, e espirito, que originariamente os inclina aos vicios, e facilita a se firmarem nos máos habitos.

Quando pois os Senhores Confessores ouvem as accusações de seus Penitentes, se estas accusações saõ primeiras ficaõ logo conhecendo que no Penitente houve disposiçaõ mortifica da natureza, que o inclinou a tal peccado, e que agora já ha enfermidade grave; curavel com tudo nos seus principios, mas que passará bem depressa a desesperada se se deixa arraigar com recahidas. Se houve segunda vez a accusaçaõ, ou ainda na primeira a seu respeito fica conhecendo ter sido repetida já muitas vezes; entaõ adquirem os Senhores Confessores a experiencia que melhor que tudo lhe mostra a rebeldia

da

da enfermidade, e lhes persuade a necessidade de remedios fysicos, que tomem o lugar dos moraes, de que elles ficaõ conhecendo a inefficacia. Assim com este conhecimento naõ hesitaõ de applicar aquelles medicamentos, que a experiencia de outros tem comprovado infalliveis, e depois de os applicar reconhecendo o seu effeito, vem a saber que taes, e taes culpas de seus confessados saõ enfermidades corporaes, e que taes, e taes remedios saõ o especifico seguro com que ellas se curaõ. E eisaqui a Medicina que só he necessaria, e sufficiente para o desempenho da obrigaçaõ dos Senhores Confessores.

Quem dirá agora que os Senhores Confessores se podem dispensar de saber esta Medicina pratica? Parece-me que ninguem, logo deve ficar maxima certa que elles devem saber Medicina corporal. Mas se alguem naõ se contentar da sufficiencia desta Medicina pratica, e peça ainda alguma theoria, entaõ para o satisfazer, digo no seguinte

CAPITULO IV.

Basta que os Senhores Confessores saibaõ a Neurologia.

A Obrigaçaõ que tem os Ecclesiasticos de adquirirem a sciencia he taõ grande, que a Escriptura Santa, os Concilios, e Santos Padres consideraõ como hum cofre os labios do Sacerdote, aonde ella se deposita para dahi sahir os Oraculos que haõ de instruir o Universo. Elles saõ repellidos do Sacerdocio quando a tem desprezado, e sem dúvida naõ merecem ser tirados do meio da plebe quando naõ daõ provas de sua propensaõ ao menos a adquirilla. Mas que culto deva ter esta sciencia a mesma Igreja Santa o demonstra, quando pela promulgaçaõ de suas Leis, creaçaõ de seus Seminarios, faz instruir os Ecclesiasticos em todo o genero de Sciencias. Ella lhes manda ensinar naõ só as Theologias, e Direitos, mas tambem as Filosofias que comprehendem em sua extensaõ as Sciencias naturaes. Mas se esta he a vontade da Igreja a respeito de todos os Ecclesiasticos em geral, que pedirá ella dos Confessores em particular? Ella quer sem dúvida que os Senhores Confessores conheçaõ os homens fysica, e moralmente, quer que elles evitem aquelles erros do fanatismo, e superstiçaõ em que cahíraõ tantos Escriptores, que ignoráraõ os modos com que a Natureza obra; e

com

com velipendio dos triunfos de Jesu Christo introduzíraõ ao lado do homem hum demonio companheiro, que o move em todas as suas acções, e mesmo o violenta a commetter o peccado. Mas para que o Confessor conheça o homem fysicamente, e moralmente qual he a Sciencia que em compendio o dispõe, e facilita? Naõ he outra mais que a sciencia dos nervos, ou instrumentos com que a alma, e o corpo se movem reciprocamente. A Neurologia pois he a Sciencia fysica, da qual eu digo que o Confessor deve possuir huma theoria sufficiente, ou que para a saber manejar naõ he preciso que saiba tudo quanto entra na vasta circumspecçaõ desta Sciencia. Basta que tenhaõ algum conhecimento da natureza dos nervos, de sua estructura, sua disposiçaõ, seus usos, e sua sympathia, porque tendo-se destes pontos alguma intelligencia, que fenomenos poderáõ appresentar as paixões humanas, principalmente a da Lascivia, Colera, e Bebedice que naõ possaõ depois ser conhecidos pelos Senhores Confessores, e por elles mesmos remediados.

Sim, porque nada póde custar aos Senhores Confessores o saber que os Nervos saõ huns Cordões, que tomaõ sua origem do Cerebro, e da Medulla espinal, que se distribuem por todas as partes do corpo. Pouco custa saber que os nervos parecem ser prolongamentos da substancia medullar de donde vem, e que a sua força igualmente que sua firmeza se devem ás

mem-

membranas, ou tunicas em que estaõ envolvidas: como tambem que estes nervos ou sejaõ grossos, ou finos, saõ compostos de muitos fios que correm sempre com distinçaõ huns dos outros, e se podem chamar nervos multiplicados. E sabendo isto, já sabem qual he a natureza, e estructura, e disposiçaõ dos Nervos. Para agora se saber quaes sejaõ os seus usos, basta que precedendo huma idéa preliminar de que estes nervos tem hum fluido subtil, que nutrindo-os, e humedecendo-os servem de instrumento, por cujo meio elles executaõ suas funções. Depois quando se sabe communicaõ o sentimento, e o movimento a todo o corpo, fica o seu uso conhecido, e naõ he preciso recorrermos a experiencias, e raciocinios para provarmos hum facto que ninguem rejeita. No que se póde demais reflectir, he que naõ havendo parte no corpo, aonde naõ haja mais, ou menos sentimento, com tudo o movimento só se executa naquellas que tem huma estructura capaz para isso como saõ os musculos em geral, as partes organicas, e os vasos sanguineos, que na applicaçaõ dos estimulantes se mostraõ dotados de irritabilidade, ou facilidade de se encolher, e relaxar alternadamente. Mas feita esta reflexaõ para passarmos a ter huma idéa da sympathia dos nervos, basta abrirmos os olhos sobre nós mesmos, e observarmos que assim como em nós, assim em todos os homens ha dois movimentos, hum voluntario, e outro involuntario; mas que para

que

que ambos se executem em nossos córpos saõ precisos os nervos desembaraçados, e communicando naõ só entre si, mas tambem com o cerebro; e a esta communicaçaõ de movimento he que chamaõ sympathia. Quem naõ ha sentido doer-lhe a cabeça quando lhe dóe o estomago, ou quando lhe dóe a garganta dôer-lhe os ouvidos? Quem deixa de rir quando lhe fazem cocegas? Quem naõ se entristece quando o ferem? Porque fechamos os olhos, ou queiramos, ou naõ, quando alguma coisa ameaça offendellos? Porque nos cresce a agua na boca quando vemos hum bom alimento? Porque nos arripiamos ao ranger de huma lima, que gasta o ferro? Porque trememos ao estrondo de huma espingarda? Porque chegada a puberdade se muda a voz, e se sentem estimulos nos genitaes á vista de alguma formosura tambem nova, &c. Naõ ha outra razaõ do que a que se tira da sympathia: toda a sympathia suppõe hum sentimento, e movimento, que se produzem pela mediaçaõ dos nervos; ora em todos os quesitos assima propostos se descobre no sentimento, e movimento dos nervos huma razaõ geral para a explicaçaõ de todos os fenomenos que se experimentaõ; logo para que os Senhores Confessores tenhaõ huma idéa geral da Medicina para remediar as paixões humanas, isto he, para que possaõ conhecellas, dar dellas razaõ, e remediallas, basta entrarem no Tribunal da Penitencia com hum conhecimento preliminar do jogo dos nervos. Mas sendo necessa-

 rio

rio este sufficiente conhecimento, quem poderá dispensar aos Senhores Confessores da obrigaçaõ de os adquirir? Vejaõ elles se achaõ algum Moralista que os desobrigue de estudar huma sciencia, sem a qual seu ministerio naõ se póde cumprir com segurança, e muito menos satisfazer aos officios de Pai, Doutor, Juiz, e Medico com que se honraõ. Eu naõ peço mais, e passo a dar huma idéa das paixões humanas.

CAPITULO V.

Da mudança morbifica, que produz no homem as suas paixões.

SAõ as paixões humanas hum producto da sensibilidade, e movimento de seus nervos; se o homem naõ tivera nervos naõ haveria communicaçaõ entre sua alma, e seu corpo; faltaria hum sensorio commum; naõ chegariaõ as impressões exteriores até o espirito, nem os movimentos do espirito abalariaõ parte alguma do corpo; mas porque o homem he formado de nervos, que saõ outros tantos vasos delicados cheios de hum succo subtil, ethereo, e elastico, e que com este succo subtil está sua alma ligada, segue-se que toda a mudança que se occasionar em alguma destas substancias produzirá ao mesmo tempo em todas ellas sua mudança respectiva.

A differença somente que se deixa observar nes-

nestas mudanças he aquella que se segue em consequencia ou do agrado, ou do enfado, que recebe a alma depois de affectada de hum, ou outro modo. Se a mudança lhe foi agradavel concebe amor, e se lhe foi desagradavel se inflamma em colera, deseja o objecto que lhe produzio a primeira, aborrece a segunda que a molestou com crueldade, empenha-se depois a possuir o que he amado, e a apartar longe o que he aborrecido, e quanto mais repete estas acções, tanto mais se firma em seu exercicio, ou adquire seus bons, e máos habitos. Porém ou esteja o homem arraigado em seus bons, e máos habitos, ou se deixe levar sómente á primeira vez das suas paixões, quem se atreverá a ponderar o damno, tanto corporal, como espiritual que soffre, quando o impeto desta, ou daquella paixaõ foi violenta, e se produzio sem moderaçaõ.

As Historias estaõ cheias de successos, que nos fazem mover a compaixaõ. Hum grande amor, huma grande saudade, huma grande colera, e huma grande bebedice occasionaráõ sempre symptomas nervosos os mais funestos, e horriveis. As Convulsões, a Cathalepsia, o Tetanos, os Syncopes, a Phthisica, mil enfermidades, e ainda a morte saõ seus effeitos mais ordinarios.

Seleuco, filho de Antiocho se consumia com huma febre lenta pelo amor que tinha a Stratonice sua Madrasta. Boerrhave conta de huma rapariga, a quem por negarem o matri-

monio com seu amante acabou estatica com a cabeça debruçada sobre os joelhos. Baglivio diz que todas as pessoas que elle visitou, e tinhaõ sido atacadas de alguma paixaõ violenta soffriaõ enfermidades do estomago, Monsieur Begue de Presle o observou em todas as paixões de tristeza. Boneto nos conta que a tristeza em huma rapariga a fazia cahir em Syncopes, que duravaõ mais de meia hora, e With diz, que conhecêra huma enferma, que sabendo da morte de seu marido, ficára sugeita a similhantes accessos, que a possuiaõ até quinze minutos, e que no tempo destes paroxismos ella ficava estendida sem movimento sensivel do peito nem do coraçaõ, e se notava sómente que o lume da véla, que se lhe chegava á boca, naõ ficava em perfeito repouso, e quando sahia destes accidentes suspirava, e gritava, e passado hum quarto de hora recahia de novo, e assim durára dois dias. Pechlin diz, que a colera rende o pulso mais vivo, a respiraçaõ mais frequente, e que víra accessos desta paixaõ, seguidos immediatamente de huma expressaõ extraordinaria de saliva, vomitos biliosos, hemorrogias do nariz, e roturas de vasos, que só a morte póde fechar. Que damnos naõ tem produzido o Satyriazes nos homens, e o furor uterino nas mulheres? A hypocondria, e o hysterismo tem sido o seu menor producto, porque a lepra, o delirio, Phthysica, a morte saõ seus effeitos mais ordinarios. Naõ ha Author na Medicina, que naõ traga muitas obser-

ſervações ſobre eſtes pontos, igualmente como todos tem promulgado o eſtrago corporal, que produz ſempre o vinho nos ebrioſos, até chegar Boerrhave a aſſeverar com a experiencia, que o ſó vapor do moſto quando fermenta mata de repente com ſer cheirado. Mas para que me canço já com apontar exemplos dos damnos que cauſaõ as paixões, quando ainda hei de tomar novo trabalho em deſcrever algumas em ſeus Capitulos ſeparados?

Baſta agora notar que naquelles ſugeitos, que tem grande firmeza em ſeus nervos com hum gráo de ſenſibilidade proporcionada, naõ ſaõ taõ funeſtas as impreſsões que lhes fazem ſuas paixões. O Amor em hum Hercules, e a Colera em hum Achilles ſó produzíraõ damno em outros, e naõ nelles; porém nas peſſoas delicadas, que recolhidas nos Clauſtros, aſſentadas em ſeus eſtrados, occupadas na liçaõ dos livros, tem ſeus nervos mui flexiveis, ſeus fluidos, ou mais abundantes, ou mais volateis; neſtas com toda a certeza produz infallivelmente qualquer paixaõ todos os ſymptomas nervoſos, males convulſivos, obſtrucções, ſchirros, cancros, e as demais enfermidades, de que abaixo farei mençaõ, como mais neceſſarias para o conhecimento dos Senhores Confeſſores que as quizerem eſtudar, e meditar: fique pois certo que as paixões produzem mudanças morbificas no homem, proporcionada á ſua maior, ou menor força: huma paixaõ quando produz huma grande mudança he igualmente grande; e

quan-

quando aquella he pequena tambem esta o he; mas ou seja grande, ou pequena esta mudança, sempre ella he enfermidade que desordena a harmonia da alma com o corpo, tira neste o equilibrio dos sólidos com os líquidos, perturba naquella todas as funções espirituaes, e consome assim a vida do homem. Vamos agora certificar-nos com provas evidentes tomadas das mesmas enfermidades, e seja a primeira deducção do Amor.

CAPITULO VI.

O Amor he enfermidade.

NAõ se póde exceptuar do catalogo das enfermidades ao Amor. Qualquer que elle seja, ou Divino, ou Humano he sempre huma doença. A Escriptura Santa está cheia de exemplos, que provaõ a languidez, e desfallencia que em muitas almas pias produzio o Amor Divino; e quando se puderem contar todas as mortes com que este Amor celeste fez acabar os Santos, que tem seus nomes escriptos nos annaes da Igreja, entaõ se poderá admittir alguma dúvida neste ponto. Felices todos elles que assim morrêraõ, e felices seriamos nós tambem se tivessemos a enfermidade deste Amor. Huma enfermidade, meu Deos, ha de separar minha alma de meu corpo, vós assim o determinastes por vossa Lei, depois que nosso primeiro Pai quiz peccar, e offender-vos; mas,

Senhor, trocai-me outra qualquer enfermidade na de vosso amor, e deixai-me morrer para vos ir amar eternamente: eu quero adoecer desta enfermidade; produza ella embora em meu corpo mil chagas abertas como em S. Francisco de Assis, ou huma Phthysica como em S. Luiz Gonzaga, rompa-se mesmo meu peito, quebrem-se minhas costellas como em S. Filippe Neri, e eu me darei por contente; naõ procurarei remedio para me curar de huma tal doença, sempre gostarei de dizer com S. Paulo: *Cupio dissolvi, & esse cum Christo.*

Mas depois de ser doença o amor de Deos, naõ o poderá deixar de ser tambem o amor do proximo, quando sóbe áquelle gráo de intensidade que tiveraõ muitos Santos, e de que Jesu Christo nosso amabilissimo Salvador nos deo exemplo. Este amor do proximo fez acabar a huns de peste com outros males contagiosos; e a outros fez exhaurir de forças, opprimio com fadigas immensas. Naõ posso deixar de lembrar-me de hum S. Francisco Xavier, morrendo na terra dos barbaros, sem dizer que o amor do proximo foi o verdugo que lhe tirou a vida; porém tambem esta doença será eternamente louvada em S. Paulino, que quiz vender-se, e soffrer todo o pezo da escravidaõ para com o preço de seu corpo resgatar as almas dos captivos. Muitos Santos sacrificáraõ suas vidas no amor de seus amigos, e inimigos, adoecéraõ com seu proximo, e provera a Deos que o mundo todo fora huma enfermaria geral

de

de taes doentes. Mas naõ he efte amor que conduz hoje á fepultura tantos enfermos, outro he o amor que devem curar os Senhores Confeffores, ou Medicos do homem achacado de paixões.

O Amor infano, em que fallaõ os Poetas, aquelle amor, fobre que o Doutor James publicou hum Tratado em Oxford no anno 1640., e do qual Celio Aureliano ha dito caufava a loucura. Efte amor fim confiderado em geral, fem refpeito á fingularidade de objecto, quero dizer, fem fe declarar fe o objecto amado he homem, ou mulher, hum animal, ou eftatua, o oiro, ou os livros. Efte amor geral quando fe applica com força a feu objecto, he na verdade grande doença, que produz naõ fó a loucura, mas tambem huma infinidade de males que os Fyficos, e Moraliftas tem confpirado numerar, e naõ tem podido. Produz o Amor a loucura, porque originando-fe efta da defcompofiçaõ das fibras nervofas, que entraõ na textura do cerebro, e efta defcompofiçaõ provindo da nimia attençaõ, que fe dá a qualquer coifa, vem a fer certo que o amor caufa efta loucura; porque elle he o que fixa o penfamento fobre o objecto amado, defcompõe a fabrica interior do cerebro, levanta o tumulto nos fluidos nervofos, e defordena a connexaõ das idéas fobre que fe occupa.

Produz tambem o amor huma infinidade de males fyficos, que nafcendo eftes tanto da relaxaçaõ, como da conftrucçaõ das fibras do cor-

po

po humano; vem o Amor a produzir todos, quando occasiona ou huma, ou outra das ditas mudanças corporaes. Ora he certo, que a colera, a inveja, a emulaçaõ, os ciumes acompanhaõ ordinariamente ao Amor, e póem as fibras dos nervos em hum estado de rijeza, crespatura, e erectismo, que pervertem suas acções, e movimentos, como igualmente he certo, que a alegria, o contentamento, o prazer, que estaõ gravados no mesmo circulo do Amor, relaxaõ as mesmas fibras nervosas, e as enfraqueoem, vem o Amor por huma consequencia necessaria a perverter tambem os fluidos mais principaes do corpo, que em sua circulaçaõ dependem inteiramente da harmonia dos solidos. Mas sendo isto assim fica claro, que do Amor se haõ de seguir todas aquellas enfermidades em que a Medicina descobre algum respeito com o objecto amado; quero dizer que se os objectos que se amaõ forem livros, resultaráõ aquellas enfermidades em que falla Tissó no seu excellente tratado das doenças dos homens de letras; se forem riquezas nasceráõ as vigilias, as indigestões, gota, febre putrida, vertigens, e outras queixas dos mercadores; se forem animaes, v. g. hum gato, hum caõ, ficaráõ seus amantes expostos a asthma, e hydrophobia; se for a Patria virá a Nostalgia; se forem licores espirituosos, e o vinho será a bebedice; e em fim se forem pessoas do sexo, além do morbo celtico, e outras enfermidades que se adquirem no seu

F com-

commercio, feraõ atacados da Erotomania, e vexados, ou de fatyriazes, ou de furor uterino. Oh quantas enfermidades capitaes produz o amor que faõ outros tantos vicios enormes que perdem as almas, e as arraftaõ para o inferno!

Todos eftes pois que eftaõ tocados da enfermidade de Amor fe deixaõ geralmente conhecer pelos olhos; porque ou os tem fundos, triftes, e abatidos, ou vivos, accefos, e inquietos com movimentos frequentes, principalmente quando fufpeitaõ alguma privaçaõ do objecto amado. O pulfo neftes amantes naõ he tal que lhe feja proprio como alguns Medicos pertendem perfuadir, mas fómente he o mefmo que fe obferva nas Peffoas que andaõ com algum cuidado. Alegraõ-fe quando fe lhes falla no objecto amado, e quando o chegaõ a ver de repente fe põe a confufaõ em fuas idéas, o pulfo muda, e fe faz fraco, e defigual: em algumas peffoas falta tambem o fomno, naõ agrada o exercicio, e fó fe bufcaõ aquelles divertimentos, que occupaõ com o objecto amado.

Eu poria agora exemplos para fe verificarem eftes fignaes em todos os amantes, porém para naõ fer extenfo defcreverei fó o que paffa hum homem apaixonado pelas Sciencias. Efte de dia, e de noite naõ fe tira de cima dos livros, dorme com elles á cabeceira, vai paffear fem os deixar, os fenomenos que moftra nos olhos faõ bem conhecidos de todo o mundo, quan-

quando se lhes traz hum livro novo naõ pára sem logo o esfoliar inteiramente, e saber o que contém, e nesta occasiaõ até lhe treme o corpo todo com a frocira, e quando acaba, confessa huma fraqueza geral em toda a machina, mas naõ faz caso de dôr alguma com tanto que o deixem ler. Falta-lhe o regimen na comida, porque ou he pouca, ou logo seguida da applicaçaõ de espirito: as noites saõ passadas em meditações, e a cama tanto que acorda he para elle o berço delicioso aonde as Musas o embalançaõ, e entretém; se outros apaixonados por Sciencias o trataõ, naõ se desapega delles sem pena, e qualquer novidade que ouve de mais do que sabe he hum verdugo que o atormenta, e estimula a augmentar seus trabalhos. Em fim hum tal homem ainda que seja Regular obrigado a Clausura, e estabilidade quer ver tudo, correr todas as Academias, ostentar em todas as Faculdades, familiarizar-se com todos os Sabios; quem isto lhe concede, ou facilita he o seu maior amigo, e quem lho impede o maior inimigo. Ora tanta paixaõ poderá deixar de destruir a saude, e de occasionar alguns peccados? Pois o mesmo succede nos outros amantes em que irei fallando nos Capitulos seguintes. Mas como agora poderáõ os Senhores Confessores remediar este amor em geral com medicamentos tambem geraes? Eu o digo em duas palavras. Será o primeiro mudando aos Penitentes para outros objectos em alguma coisa similhantes,

e obrigando-os a fixar ſua attençaõ neſſes objectos, impoſtos por penitencia para aſſim os occupar, e impedir que ſejaõ arraſtados pelo objecto amado. O Sabio perdido com os livros que vá cuidar na lavoira de hum campo, e ahi pratique ſua Sciencia com utilidade propria, e tambem de ſua patria. Hum amante de mulheres, que ſe caſe ſe lho permitte o ſeu eſtado, quando naõ que eſtude ſuas enfermidades, ſuas mortes, e as eſcreva para ſeu deſengano, e beneficio das meſmas mulheres. Hum colerico igualmente que hum ſaudoſo da Patria, que façaõ viagens, ganhem o comer com o ſuor de ſeu roſto, evitem toda a ocioſidade. Hum ebrioſo que ſeja enfermeiro, que teve o vinho emetico, e as bebidas purgativas para os Hoſpitaes, e veja o que produzem os remedios avinhados, oiça o que delle dizem os Medicos, e ſe capacitem que nos licores eſpirituoſos lhe podem ſeus inimigos dar veneno com que vomite, fique eſtragado, e morra. Em ſegundo lugar preſcrevaõ os Senhores Confeſſores remedios farmaceuticos tirados ou da claſſe dos amargoſos, ou dos azedos, porque ambos ſaõ penoſos á natureza, mas apropriados a cada huma da claſſe dos amantes: iſto he os azedos para aquelles que ſe exercitaõ em trabalhos corporaes, e os amargoſos para os que fazem vida ſedentaria, e ocioſa; vejaõ-ſe as receitas no fim dos Capitulos, e ahi ſe eſcolhaõ ſegundo as indicações aqui mencionadas. Fallemos agora com mais diſtincçaõ nos gráos das doenças do amor, e ſeja

CA-

CAPITULO VII.

A Nostalgia, ou Saudades he enfermidade.

DO amor em geral nasce o primeiro ramo de enfermidade, que he a Nostalgia, ou aquelle amor da Patria, dos parentes, e pessoas com quem se teve algum commercio, e amizade, mas que por estarem ausentes naõ podem os amantes tratar com elles, e por isso se affligem, choraõ, e correm com tanta pressa a huma Phthysica nervosa, que em menos de tres semanas se vem ser atacados de marasmos, e anorexias, isto he, de magreza, e fastio; porque naõ comem, naõ bebem, naõ dormem, naõ querem conversar com os Estrangeiros, entre quem se achaõ, e faltaõ ao cumprimento de todas as suas obrigações, ou sejaõ politicas, ou criticas.

As pessoas mais atacadas deste mal, saõ as gentes moças de qualquer sexo que sejaõ, e que tiveraõ huma educaçaõ molle, entretida na variedade dos prazeres, e que vendo-se obrigados a ausentar-se por algum motivo, naõ podem tirar de seus corações o habito do amor com que estavaõ prezos, e faltando-lhes ao messmo tempo o objecto, em que este amor se empregava, formaõ inuteis desejos, desesperaõ de o tornar a possuir, e se enchem de tristeza, e melancolia, ou adoecem, e enlouquecem. Naõ he isto o que estamos vendo em Portugal em mui-

muitos Extrangeiros que nelle abordaõ, e que ou morrem, ou só daõ esperanças de saude quando chega a occasiaõ de voltarem para a sua Patria? Naõ he isto o que tambem temos observado nos mesmos Portuguezes, só com se mudarem de huma Provincia para a outra? He sem dúvida. Os Escriptores de todos os Reinos por hum testemunho unanime o tem publicado, e eu sei que ainda naõ ha muitos dias que, adoecendo em Coimbra hum estudante de Lisboa, naõ mostrou melhoria alguma com todos os remedios, senaõ quando o Medico lhe fallou em o fazer voltar para a sua terra. E para tirarmos algum exemplo da nossa historia, temos hum bem singular no Eminentissimo Cardeal Alpedrinha D. Jorge da Costa, que no meio da maior grandeza, em que se vio em Roma, tinha ataques desta enfermidade, e só se alegrava com lhe fallarem em Alpedrinha.

Porém dir-me-haõ que tem os Confessores com as saudades? Saõ por ventura as saudades algum peccado? E eu lhe respondo que oxalá o naõ foraõ em muitos casos. Só individuarei hum, e por elle vejaõ os Senhores Confessores quaes sejaõ os outros peccados das saudades. Huma Freira que vive clausurada em hum Mosteiro, longe de sua Patria, e que desejava voltar para ella, mas que por motivos humanos ha professado, e se conserva como forçada em sua Cella, devorando tristezas infinitas; esta Freira chegando a adoecer, e naõ querendo admittir outros remedios mais que o egresso

da

da clausura, e ou mesmo adoecendo de desesperaçaõ se arroja a procurar amizades, e correspondencias indecentes, até em fim chegar a apostatar, naõ diremos que suas saudades eraõ peccaminosas, ou ao menos que foraõ occasiões proximas de seus peccados? Naõ fallo em outros peccados, com que muitas vezes se procuraõ alliviar as saudades; porque naõ supponho a Confessor algum ignorante nestes pontos; mas peço sómente que estendaõ esta idéa a muitos Religiosos, e Ecclesiasticos, que arrependidos de seu estado suspiraõ por outro antigo, mas que conhecendo a impossibilidade de o conseguir rompem em escandalos bem funestos, e que naõ tiveraõ outro principio que suas saudades primitivas. Aqui he, Senhores Confessores, que as coisas minimas crescem logo a grande vulto, e chegaõ a fazer maior estrago que a faisca de fogo cahida no meio da polvora. Atrevia-me a dizer que naõ ha Convento em Portugal, que naõ podesse ministrar algum exemplo para a instrucçaõ, mas naõ digamos mais nada, e vejamos sómente que remedios podem atalhar taõ grande damno.

O remedio principal he enviar estes penitentes para as suas patrias, e restabelecellos no seu estado antigo; mas se isto naõ puder executar-se licitamente, como na verdade naõ poderá ser com alguns Regulares clausurados, mais estreitamente como os Cartuxos, Conegos Regrantes, Freiras, &c. entaõ a mudança de objectos, o uso de narcoticos, o passeio, o exer-

exercicio, a liçaõ da Historia natural, e civil, mudaõ as idéas, curaõ as faudades, e extirpaõ a raiz de varios peccados. Todos estes remedios apontados se podem impôr por penitencia, porque no estado desta enfermidade ellas saõ penosas aos enfermos, que nada buscaõ mais que o retiro, e a ociosidade para melhor se entregarem ás suas tristezas. E se os Senhores Confessores naõ souberem compôr alguns remedios, que sejaõ indicados, podem usar com toda a liberdade dos que vaõ tanto nas receitas abaixo descriptas, como nas que se ajuntaráõ no fim dos Capitulos, onde veraõ que muitas dellas podem servir de materia para a Penitencia pelo amargor de que saõ dotadas, ou fortum nauseante de que naõ se privaõ com facilidade.

Respice de Assafraõ ℈b
Canella ℈j
Myrrha gr. ij, faça-se pilulas para se tomarem em dois dias.

Respice Cabeça de papoila branca em pedacinhos, e sem semente n. j. Coza-se em agua de fonte lb. j. a diminuir ℥ij, depois coe-se, e se dê a beber ao deitar.

Respice Cabeças de papoila branca n. ij. Coza-se em agua limpa lb. j. a diminuir ℥iij., e entaõ se coará, e na coadura se pizaráõ sementes de papoila branca, e de melaõ an.

an. ℥b, e se fará expressaõ na qual se dissolva, Xarope de Golfãos ℥j. E o enfermo que tome esta emulsaõ repartida em duas doses, huma logo ao deitar, e outra de madrugada.

Respice das quatro sementes frias maiores ℥b, pizem-se em cosimento de cevada, e de raiz de Altéa an. ℥vj. faça-se coadura na qual dissolva Diacodio ʒvj, para se tomar na hora do somno.

Respice De Diacodio ʒv, aguas distilladas de papoila vermelha, e de Beldroegas ℥vj, agua de flor de laranja ℥bj, misture para bebida, repartida em duas doses, que se tomaráõ de noite, huma ao deitar, e outra de madrugada, se com a primeira naõ houver o enfermo ainda bem dormido.

Respice de Assafraõ ʒb infunda em vinho branco ʒv, summo de laranja n. j. misture-se, e deixe-se digerir por huma noite, e o enfermo o beba de manhã.

Destas receitas, e remedios podem tambem usar os Prelados das Religiões para curar os seus Religiosos da Nostalgia; porque elles tambem saõ Medicos espirituaes, e naõ haõ de dar menos contas a Deos de seus subditos pela obrigaçaõ que tem de os conduzir, de

modo que se lhes tirem os impedimentos de aspirarem á perfeiçaõ com fervor, e alegria.

No fim deste Capitulo devo advertir, que além desta Nostalgia, ou saudade de que acabo de fallar, e que na Medicina se chama Nostalgia simples, ha outra a que chamaõ Nostalgia complicada, que he aquella que vem acompanhada de febre synodica, terças, e outras doenças que aggravaõ ordinariamente as enfermidades, fazendo-as parecer de máo caracter; mas neste caso he preciso que os Prelados, e Enfermeiros, que sabem da queixa do enfermo, avisem ao Medico para que elle além dos remedios particulares prescreva aquelles que saõ necessarios, e conduzem para o allivio tambem das saudades. Os Senhores Confessores podem obrigar aos Penitentes a que se declarem tambem com os Medicos, para que estes melhor acertem com os remedios. Mas basta de saudades, passemos a outra enfermidade, que causa o amor.

CAPITULO VIII.

A Erotomania, ou loucura amorosa he grande enfermidade.

O Segundo grão, a que sóbe a enfermidade do amor, he a Erotomania, ou aquelle amor com que em silencio se busca a presença do objecto amado, suspira-se em segredo, e quando os amantes se encontraõ, trataõ-se com hum respeito singular, mas que porque na Cidade, e no Campo nada fazem sem relaçaõ ao seu dito objecto amado, julgando humas vezes que o estaõ vendo nas pessoas, com quem fallaõ, e outras vezes escrevendo seus nomes, até sobre as cascas das arvores; já dirigindo-lhe a palavra como se estivessem presentes, já entregando-se a extravagancias fantasticas, imitando em fim ao valente D. Quixote nas loucuras, que lhe suggeria seu amor á sua amada Dulcinéa; por isso se chama a este amor Erotomania, enfermidade, ou loucura amorosa.

Ha duas especies nesta enfermidade dos amantes: a primeira, que se podia chamar Erotomania pacifica, só produz nos enfermos a tristeza, e o retiro; similhantes amantes gostaõ da solidaõ, fogem da sociedade, e continuamente saõ affectados de huma doce melancolia; correm ás vezes com abundancia de seus olhos lagrimas, suas vistas saõ ternas, e apaixonadas, suas posturas, seu fallar, seu andar saõ langui-

dos, em huma palavra todo o seu viver he hum doce delirio de que gostaõ suas almas.

A segunda especie de Erotomania he aquella que produz effeitos mais vivos, onde os enfermos perdem o appetite de comer, e dormir, sustentaõ huma inquietaçaõ occulta, que os devora, ciumes que os consomem, mil desejos violentos que os agitaõ, e hum fogo occulto que os abraza, com que as funções de seu espirito se alteraõ bem depressa, e os amantes cahem entaõ em hum delirio frenetico, a que succede o furor, e a raiva que os conduzem a precipicios funestos.

A Fabula, e a Historia de differentes póvos nos daõ mil exemplos da Erotomania. Sabe-se que Orfeo desceo aos infernos a buscar sua amada Euridice. Salomaõ amou até idolatrar os idolos de suas amigas. Aristoteles fez queimar o incenso aos pés de sua mulher. Tem-se visto a homens illustres, e a Heróes famosos consumir-se, e morrer de amor. Tulpio falla de hum amante a quem seu amor conduzio á Catalepsia, enfermidade que, tirando os sentidos, deixa a flexibilidade com mobilidade. Mangeto faz mençaõ de hum Erotomaniaco que cahio em delirio frenetico. Tasso, Poeta Italiano veio a ficar louco por ter hum coraçaõ mui terno. Lucrecio, Filosofo, e Poeta, desesperado de naõ poder gosar da que amava se deo á morte. Achaõ-se outras muitas observações tanto nos Medicos antigos, como nos modernos, nas quaes todos reconhecem com Plataõ, que

sem

sem ser Medico observou tambem, e deixou dito que o amor naõ só combatia o espirito com impetos violentos, mas tambem exercitava no corpo huma tyrannia cruel consumindo-o com vigilias, e cuidados, magreza, dores, Phthisica, e outras mil enfermidades que conduzem á sepultura. *Non solum in animum impetum facit amor, verum & in corpus sæpenumero tyrannidem exercet, vigiliis, curis, macie, dolore, tabitudine, & mille affectibus lethalem noxam inferentibus corpus vexat.*

Sendo assim, devem pois os Senhores Confessores saber que esta enfermidade ataca principalmente aquellas pessoas que naõ tendo ainda muito uso do mundo, ou que só o tem, possuem hum genio mui docil, e affavel em que qualquer objecto faz impressões que sobrevem de novo. Assim as donzellas, e rapazes que haõ chegado á puberdade, as Freiras, e Religiosos, os Ecclesiasticos, e todas as mais pessoas que como elles naõ tem o uso livre de suas acções podem ser, e saõ muito ordinariamente atacados desta enfermidade, ainda que estes mesmos busquem com cuidado encubrilla, mas que para o Confessor nada deve ficar occulto, e elle mesmo o poderá logo conhecer, e descobrir, tanto pelos signaes acima apontados, como pelas accusações que de si fazem os penitentes. Eu naõ digo que os Senhores Confessores intentem saber quem he o objecto amado, porque este conhecimento lhes está pro-

prohibido por huma Lei nova de D. José I. depois de outras que emanárañ do Santissimo Papa Benedicto XIV. de feliz memoria, bastalhes a noticia geral da enfermidade, deduzida das accusações das culpas dos Penitentes, para que lhes ensinem os remedios proprios que os podem curar desta loucura amorosa.

Os Confessores pois devem persuadir as Pessoas, que podem casar, e naõ tem impedimento legitimo, que logo cuidem em se casarem, empregando aquelles meios que permittem as Leis do Reino, v. g. se saõ filhos familias prostrando-se aos pés de seus Pais, expondolhes sua paixaõ para tal, e tal pessoa até conseguirem seu consentimento; porque se os Pais forem Christãos, e tiverem com prudencia piedade, logo veraõ que os empenhos de seus filhos, se naõ saõ racionaveis, e de conveniencia podem por elles ser dissuadidos com mais efficacia, e substituidos em outros que com mais decoro os conduza á salvaçaõ da alma, e do corpo. Quero dizer que os Pais que forem Christãos, e tiverem com prudencia piedade naõ impediráõ absolutamente os matrimonios de seus filhos, porque sabendo elles que S. Paulo chama Hereges a todos os que prohibissem casar, por ser mais perfeito o casar do que o consumir-se nas chammas da lascivia, e amor profano, quando virem que os matrimonios que appetecem seus filhos naõ saõ iguaes, nem á condiçaõ superior de suas pessoas, nem á grandeza das suas riquezas, com tudo nem

por

por isso os obrigaráõ a tomar outros estados, e muito menos a fazerem-se Ecclesiasticos, mas sim cuidaráõ em lhes procurar outros matrimonios que lhes agradem a elles, e a seus filhos, para assim attenderem pelo bem de suas casas, e juntamente pela salvaçaõ de suas almas, pois he certo que tanto os Pais como os filhos se assim naõ fizerem se exporaõ a cahir em huma teia de culpas, que nunca mais poderáõ desfazer. Os Pais ficaráõ diante de Deos réos de todos os peccados, que commettêraõ os filhos fóra do estado do matrimonio para que Deos os chamava, e os filhos no estado violento do Celibato, que naõ lhes convinha, viviraõ descontentes, ou desesperados sem merecer huma graça que Deos naõ lhes ha de dar, porque naõ os chamou, e assim caminharáõ ambos a precipitar-se na perdiçaõ eterna. As pessoas porém que naõ estaõ em estado de casar como as Freiras, Religiosos, Ecclesiasticos, &c. estes depois de praticar aquelles remedios moraes conducentes a se livrarem desta enfermidade, como saõ aquelles que o mesmo Ovidio prescreve no seu livro de Remedio do amor, isto he: primeiro o conhecimento dos defeitos do objecto amado, que os mesmos Medicos, Confessores, e Prelados devem exaggerar até ridicularizallos: segundo a distracçaõ dos amantes por occupações agradaveis: terceiro o nascimento de novas paixões taes como as das Sciencias, que fazem por outras idéas esquecer as passadas: quarto a ausencia do objecto amado, de-

pois dizia eu de praticar estes remedios moraes, se naõ se conseguir mudança alguma, entaõ se tomaráõ as precauções necessarias para acalmar a agitaçaõ dos humores, diminuir a sensibilidade dos nervos, que saõ as duas causas immediatas de toda a Erotomania.

1. Por remedios refrigerantes, e adoçantes, como as sangrias, sanguixugas, purgativos antiplogisticos, banhos frios, leite misturado com chá de Golfãos, e as emulsões das quatro sementes frias.

2. Por remedios antipasmodicos, como o sal sedativo, nitro, chá de macella, e em fim as bebidas aciduladas, tanto com acidos vegetaes, como as laranjas agras, limaõ, vinagre; quanto com os acidos mineraes, como o espirito de enxofre, e de vitriolo, os licores anodinos de Hoffman, e Boudon, igualmente que outros Julepes combinados com as gotas anodinas de Talbot, e de Inglaterra, o Laudano liquido de Syndinhaõ, o Diacodio, e outros medicamentos, de que darei as formulas quando depois de tratar ainda do Satyriazes, e Nymfomania acabar com estas enfermidades do amor que saõ peccados; porque entaõ examinarei a qualidade de alguns gavados antiafrodisiacos, e direi a efficacia que cada hum tem, ou para moderar, ou para extinguir os movimentos da concupiscencia carnal.

CAPITULO IX.

O Satyriazes, ou Salacidade, e nimia propensaõ aos prazeres de Venus, he nos homens a maior enfermidade lasciva.

O Satyriazes he o ultimo gráo da lascivia dos homens, que adoecendo pelos estimulos de Venus appetecem com nimiedade todos os seus prazeres, sentindo naõ só aquelles movimentos da virilidade, que mostraõ a existencia da vida do corpo, mas tambem aquelles furores que os confundem com o estro dos animaes naquelles mezes do anno, em que se applicaõ á producçaõ da sua especie. Esta enfermidade he propria da gente moça, que ha chegado á puberdade, naõ só com vigor, e saude, mas tambem com huma vida deliciosa passada na ociosidade, e boa mesa, sem outro cuidado que a da liçaõ dos Romances do amor, e seu exercicio. Com tudo esta mesma enfermidade ataca tambem ás vezes as pessoas de maior idade, principalmente aos celibatarios em geral, que naõ praticaõ huma austeridade muito rigorosa; porque todos estes accumulando muitos succos, e por consequencia, maior abundancia de fluido prolifico, vem este a ficar em orgasmo, e turgencia, distendendo por sua quantidade as vesiculas seminaes, irritando as membranas destas partes com todos os nervos, que aqui como em centro de hum circulo se ter-

terminaõ, e do qual partem as oſcillações para todo o tronco do corpo, e ſuas extremidades, e communicando aſſim ao eſpirito toda a agitação, e furor que ſe levanta nos genitaes.

Os ſignaes com que os Senhores Confeſſores podem conſeguir a diagnoſte deſte vicio, ſaõ os primeiros tomados das confiſsões dos meſmos enfermos, que ſendo perguntados, reſpondêraõ que o fogo da concupiſcencia, e laſcivia os inflamma com ardores, e deſejos exceſſivos, de que ſe ſeguem pruritos immoderados, titillações contínuas, erecções vehementes com que a razaõ ſe turba, o pulſo fica ligeiro, a reſpiraçaõ curta, e convulſiva, todos os membros inquietos com agitações, e anxiedades, que tiraõ igualmente o ſomno, e a vontade de comer, deſſeccaõ as fibras das fauces, eſofago, e eſtomago cauſando ſede, e appetencia de licores refrigerantes que alliviaõ hum pouco, mas que paſſado tempo volta a enfermidade com enfado, que tira aos enfermos a vontade de tomarem a beber, os faz deſeſperar, e romper em todas as monſtruoſidades da luxuria, amontoando peccados a peccados com que ſe alliviaõ hum pouco, mas que depois pagaõ bem caro o momento de remiſſaõ, porque repetem os ſymptomas com mais violencia; chegaõ os ſegundos ſignaes, que ſe manifeſtaõ por pruritos enfadonhos originados de huma acrimonia univerſal que inficiona toda a machina, ſe faz ſenſivel nos olhos, e narizes, levanta huma contracçaõ ſpaſmodica

de

de todo o ſyſtema nervoſo, vaſculoſo, e membranoſo, que faz cahir os enfermos em hum delirio furioſo, que ſe augmenta com a difficuldade que ſobrevem no ourinar, e a retençaõ das fezes que naõ deſcem, mas ſe nichaõ em alguma circumvallaçaõ do Colon, e alli occaſionaõ flatos, intumeſcencia do baço, obſtrucções das demais viſceras, até produzir vertigens, febres agudas, e todos os accidentes hypocondriacos, que mataõ em fim a ſimilhantes enfermos. Ora todos eſtes ſignaes indicaõ huma enfermidade aguda, huma inflammaçaõ geral, phlogoſe no ſangue, erectiſmo nos vaſos, encalhe dos fluidos, e irritaçaõ em toda a machina. Naõ ſe póde pois aſſignar geralmente por cauſa proxima deſta queixa, mais que a meſma inflammaçaõ; porque no mechaniſmo deſta, ſeja qual for o ſyſtema que a explique, entra o que caracteriza o eſtado de ſimilhantes queixas.

As cauſas remotas porém, e que ſe chamaõ tambem occaſionaes para que os Senhores Confeſſores as perguntem, e remedêem ſaõ as principaes, as amizades frequentes com converſações ternas, a vivenda na meſma caſa, a ſociedade nos meſmos exercicios, a ocioſidade, as comidas, eſpecializadas com pimenta, canella, gengivre, a bebida do vinho, e mais licores inebriantes, a liçaõ de livros amatorios, a viſta de paineis laſcivos, e outras curioſidades perigoſas, de que os meſmos Moraliſtas fazem mençaõ, como as operas, comedias, &c.

Sendo pois a enfermidade principal hum estado inflammatorio, e suas causas todas aquellas que induzem á inflammaçaõ, segue-se que os remedios, de que devem usar os Senhores Confessores para curar a taes enfermidades, saõ todos aquelles de que se servem os Medicos nas febres inflammatorias, ora elles se reduzem a sangrias, banhos, purgantes, antisepticos, julepes, ou bebidas aciduladas, combinadas de modo que fiquem mais ou menos refrigerantes, medindo-se tudo pela qualidade dos temperamentos, e idades dos sugeitos, como tambem pela condiçaõ, e estado das pessoas, pois he certo que onde houver maior incendio, haverá necessidade de maior abundancia de agua para que se apague, e evite o damno: quero dizer que hum homem velho, ou de fibra laxa póde satisfazer-se com qualquer bebida refrigerante preparada com o nitro depurado, ou crystal mineral, e os acidos tirados dos vegetaes com algumas gotas do licor anodino de Hoffman, depois de poucas sangrias, e alguns purgantes com os Tamarindos, e o Ruibarbo; mas os rapazes fogosos, e já entaõ celibatarios de profissaõ, destes saõ necessarias sangrias por dezenas, os mesmos purgantes com Tamarindos, e o Ruibarbo, e Julepes com agoas de Beldroegas, cozimentos de alfaces, e azedas, flores de malvas com suas gotas de espirito de Vitriolo simples, que sejaõ até seis, e continuadas por quinze, vinte, até quarenta dias; porque só assim se conseguirá o effeito de os

aquie-

aquietar, ou curar de ſuas laſcivias. Eſcolhaõ os Senhores Confeſſores aquellas formulas aonde entrar o vitriolo, que ſempre ſaõ as mais refrigerantes, e deſtas uſem com os celibatarios que mais neceſſitarem; mas ainda he preciſo fallar no furor uterino das mulheres, para entaõ dar o catalogo das receitas.

CAPITULO X.

Da Nymfomania, ou furor uterino das mulheres.

A Nymfomania, ou furor uterino tem tambem o nome de Metromania entre os Authores da Medicina, ſegundo o ſyſtema que cada hum ha ſeguido ſobre o principal aſſento deſta fêa enfermidade das mulheres. Eſta doença he hum delirio melancolico, furioſo, e laſcivo, de que as donzellas, as mulheres ſolteiras, as viuvas, e ainda meſmo as caſadas ſaõ inficionadas em conſequencia de huma paixaõ amoroſa, exceſſiva, e carnal. Eſte vicio nunca accommette de repente, mas vai ſempre ſobindo a paſſos lentos até ao ultimo gráo de exceſſo. Succede quando v. g. huma donzella chegada á puberdade ſe inclina a acceitar os reſpeitos de hum amante, de quem naõ ſe lhe concede lograr; ou tambem quando já entrada na paleſtra do amor, he depois retirada, como ſe faz com aquellas que ſe mandaõ metter Freiras; ou meſmo que viuvaõ depois

pois das experiencias repetidas de hum marido moço, e valente que lhe morreo. Taes saõ aquellas viuvas moças que tantas vezes S. Paulo reprehende em suas epistolas: tal huma casada, da qual diz Zonáras Historiador Grego, que sendo celebrada por sua formosura morrêra phthysica, e consumida por hum furor uterino, nascido da cobardia de seu esposo: taes em fim saõ outras muitas, de que a Historia faz mençaõ em todos os Paizes do mundo.

Os signaes desta enfermidade saõ bem notorios: porque as mulheres que della saõ tocadas perdem ao principio a vontade de comer, e dormir, nada gostaõ de suas occupações ordinarias: fiar, cozer, bordar, &c. he para ellas entaõ hum tormento insoffrivel; buscaõ o desaffogo da janella para verem, e serem vistas dos passageiros: mas nesta estaçaõ a melancolia se pinta com sombras sobre a sua face, e depois degenera de pressa em hum furor amoroso de que ellas naõ se podem reter, e as faz entregar-se a toda a sorte de indecencias, tanto em suas acções, como em suas palavras: chegaõ em fim a provocar os mesmos homens até força-los a extinguir os ardores que as devoraõ.

Mas repare-se que esta enfermidade ainda em seu principio tem mais outros signaes, com que póde ser conhecida: porque além da tristeza que ella derrama no rosto da mulher, a faz de tempo em tempo lançar suspiros, e vistas lascivas, principalmente quando se lhes presentaõ homens; e se neste tempo se lhes falla de

de amor, ſeu roſto ſe inflamma, e ſeu pulſo ſe lhe agita. Quando porém a enfermidade ha chegado ao ſeu ultimo gráo, naõ he preciſo aqui declarar-ſe ſeus ſignaes, porque todo o mundo os conhece, e o deſcaramento he entaõ abominado das peſſoas que tem alguma pieda-de, e pudor, e tambem igualmente pezado ao zelo dos Senhores Confeſſores, que por experiencia quando no tribunal da Penitencia o chegaõ a deſcobrir, deſeſperaõ da ſalvaçaõ, ou emenda de taes almas, nem ſabem com que remedios moraes as poſſaõ curar, porque todos ſe fruſtraõ, nenhum conſegue o effeito que elles deſejaõ.

A cauſa immediata deſta enfermidade he primeiramente a força da imaginaçaõ que ſimpathiza com os nervos que entraõ na compoſiçaõ dos genitaes das mulheres, e depois o he tambem a irritaçaõ deſtas meſmas partes produzida pela acçaõ eſtimulante de alguns humores acres que mais ſe exaſperaõ, ou pelas lições liſongeiras, converſações apaixonadas, viſtas de imagens obſcenas, caricias de objectos amados, &c. Ao que ſe ſe ajunta a ocioſidade, e o uſo das comidas eſpecificas, chamadas afrodiſiacas, entaõ ſe ajunta com a cauſa proxima tambem a remota, e ſe acha tudo quanto póde naõ ſó levantar incendio, mas reduzir a cinzas.

Do que fica dito ſe conhece que eſta enfermidade deve ſer tratada como huma inflammaçaõ: e na verdade os Anatomiſtas em todas

aquel-

aquellas mulheres, que tem morrido neste estado, acháraõ inflammadas naõ só aquellas partes que no corpo estaõ situadas no exterior, mas tambem no interno, que entraõ em sua composiçaõ, ou tem alguma dependencia.

Assim neste estado devem os Senhores Confessores persuadir a taes penitentes, que este vicio he huma enfermidade mui rebelde, e perigosa, que por si mata, depois de attrahir mil infamias, e enfermidades que fazem horror á humanidade: e por isso, ou os Senhores Confessores lhes aconselhem que busquem os Medicos para lhes applicar remedios fysicos, ou elles mesmos persuadaõ que se façaõ sangrar no braço, e no pé, ou tomem repetidas sanguisugas, e depois purgantes antilepticos, e antiphlogisticos, seguidos de comidas, e bebidas refrigerantes como a alface, a chicorea, as beldroegas, os golfãos, e seus cosimentos, igualmente que as emulsões, os Julepes, as limonadas, os clysteres de Oxicrato, os banhos refrigerantes, as fomentações anodinas taes como as que depois se formalizaõ nas receitas abaixo descriptas.

Com as bebidas refrigerantes se podem ajuntar o sal sedativo até grãos 10. Algumas gotas do espirito de Vitriolo até 5. O licor anodino de Hoffman até 30; e o antipasmodico de Boudon até 20. Mas estes licores, ou outros similhantes, aonde entra o Vitriolo naõ devem ser continuados por muitos dias entre aquellas mulheres, que ou saõ casadas, ou esperaõ ca-

sar-

zar-se; porque o abuso dos Vitriolos quando passasse dos trinta, e quarenta dias, as poderia refrigerar tanto, que as induzisse á esterilidade, e occasionasse outras enfermidades naõ menos prejudiciaes á humanidade: o que os Confessores devem evitar, como os Medicos evitaõ os remedios, de que he perigoso o uso excessivo.

Sendo porém Freira a enferma, ou que por estar ligada com votos solemnes devem viver no celibato, estas poderáõ continuar no uso das gotas do Vitriolo até quarenta dias na dóse sómente de quatro gotas cada dia junto com algum cosimento fresco, ou Julepes antiphlogisticos; porque a frialdade, em que poderáõ incorrer, naõ lhes he prohibida pelos Canones da Igreja, antes parece lhes he prescripta para viverem com mais paz de espirito, e cumprirem com mais perfeiçaõ seus votos, e exercicios claustraes, além de outras razões que o persuadem como mais abaixo se exporaõ.

Agora devo fallar dos males, que causaõ os prazeres, ou excessivos, ou intempestivos: mas para isso seja o seguinte.

CAPITULO XI.

Os prazeres do amor tomados com excesso, ou intempestivamente, saõ causa de muitas enfermidades dos casados.

NAõ só os Celibatarios saõ sujeitos ás enfermidades que produz o amor; os mesmos casados, que tem a permissaõ de buscar no uso do matrimonio o remedio da concupiscencia, saõ sujeitos a mil enfermidades quando delle abusaõ.

Tem o remedio da concupiscencia a mesma lei que tem os demais remedios da Medicina, todos se prescrevem com pezo, e medida, e se devem usar sómente em certos tempos para serem uteis, e naõ causarem damno; quando se invertem estes tempos, e se abusaõ dos remedios, entaõ por mais saudaveis que sejaõ, naõ se vê seguir delles mais que inteira ruina, e a mesma morte.

Que simples mais proveitoso na Medicina que o mel? E com tudo se os homens levados da sua doçura o comem com excesso, chegaõ a enfermar como os dez mil Gregos conduzidos por Xenophonte na retirada da Persia, e podem mais fysicamente dizer todos com Jonathas que o mesmo mel lhes ha dado a morte; pois assim succede no abuso do matrimonio.

O uso moderado do matrimonio he sem

dúvida ſaudavel naõ ſó para a alma, mas tambem para o corpo: já Celſo o deixou eſcrito no ſeu Livro de conſervar a ſaude, e os demais Medicos obſerváraõ que aquelles celibatarios de hum temperamento ſanguineo, e fogoſo, ſó entaõ deixavaõ de ſer enfermos, quando ſe ligavaõ por eſte Sacramento que propaga a multidaõ dos homens. Os meſmos Santos Padres, que depois de S. Paulo defendêraõ a Igreja contra os erros dos Hereges, que naõ ſó pertendêraõ prohibir as nupcias, mas tambem ſe empenháraõ a improperar eſte Santo Sacramento: com tudo eſtes meſmos Santos Padres, defenſores do matrimonio, naõ deixáraõ de reconhecer, que podia haver nelle muitos abuſos, que introduzindo na alma grandes peccados inficionavaõ tambem o corpo de grandes doenças. Todos elles accuſáraõ o nimio, e intempeſtivo exercicio conjugal, e aſſeveráraõ que deſtas duas origens procediaõ primeiramente huma grande perda de forças, ou diſpendio notavel da vida dos homens; e em ſegundo lugar hum grande eſtrago das meſmas funções da alma.

Para prova da primeira propoſiçaõ naõ he preciſo aqui amontoar authoridades, porque he unanime o conſentimento dos Eſcriptores depois da ſentença de Hyppocrates no Liv. *de Genitura*, §. I. onde diz: que do uſo de Venus ſe origina a fraqueza: *Quia a Veneris uſu imbecilles reddimur.* Baſtaõ aquelles argumentos que miniſtraõ a razaõ, e a experiencia.

A fabrica dos genitaes do homem he muito delicada: o fluido que nelles se prepara he mui subtil, e naõ sómente destinado para a geraçaõ, mas tambem para a robustez do corpo, e sua vida. Este fluido precioso he inteiramente analogo ao do Cerebro, a que os antigos chamáraõ espiritos animaes. Elles ambos se communicaõ, e se misturaõ: e quando hum falta, perde o outro muito de sua energia. Ora ambos estes fluidos saõ os motores da circulaçaõ: logo, quando no abuso do matrimonio ambos se disperdiçaõ, virá sem dúvida a enfraquecer-se a circulaçaõ, e por consequencia a encurtar-se tambem a vida.

A observaçaõ tambem nos faz ver, que o disperdicio deste fluido he capaz de fazer perder a vida, quando na Historia nos mostra a muitos homens, que naõ só enfermáraõ, mas chegáraõ a morrer no primeiro dia de suas nupcias. E na verdade, naõ foraõ só Cornelio Gallo, e Tito Ethereo, que em Roma expiráraõ assassinados pelas delicias do amor: em todo o mundo se tem visto outros, que poucos dias se gozáraõ de suas delicias, e que foraõ lamentados pelos mesmos que lhes tinhaõ cantado o Epithalamio. E se a todos, que tem abusado do matrimonio, naõ tem sobrevindo a morte, nenhum ha que naõ haja sentido, e se naõ tenha queixado de nauseas, cruezas do estomago, flatos hypocondriacos, dores de gota, diarrheas, febres, epilepsias, contracções de musculos, ophthalmias, palpitações do coraçaõ,

çaõ, e outros males ſempre funeſtos á prolongaçaõ da vida.

Mas ſe o corpo padece nos exceſſos venereos, que naõ ſoffrerá a alma unida a eſte corpo, e dependendo delle em ſuas funções? Por certo que ninguem ha que naõ poſſa dizer que entaõ ſe extraga a memoria, ſe hebeta o juizo, ſe encurta o diſcurſo, e meſmo ſe amortecem aquellas chammas do Amor que a fantaſia accende, e ſaõ neceſſarias para trabalhar na geraçaõ dos homens, em quanto permanece a fecundidade de ambos os conſortes. Quantos naõ ſe levantáraõ loucos do ſeu thalamo nupcial? O número deſtes infelices he maior do que ſe imagina, e naõ nos devemos admirar; porque ſabendo-ſe que em todos os jogos do amor ſe contrahe huma grande fraqueza do cerebro, naõ ſó pelos meſmos esforços da alma na violencia da paixaõ com que o agita; mas tambem pela exhauriçaõ dos eſpiritos, laxidaõ que reſulta das concuſsões repetidas que recebem os nervos todos em ſua origem: com o que ficaõ depois incapazes de vibrarem com aquella velocidade, e harmonia neceſſaria para a promptidaõ da memoria, e ſua firmeza; igualmente que para a força do juizo, e aturar o trabalho da combinaçaõ das idéas, e de humas correr para outras, a fim de formar longos diſcurſos.

Parece-me agora naõ ſer preciſo individuar a qualidade nem do exceſſo dos prazeres venereos, nem tambem em que occaſiões ſaõ elles in-

feitos com as quatro sementes frias combinadas com a da papoila, as aguas anodinas como a da Primulaveris, a do Lirio dos Valles, a das Rosas, a dos Golfãos, a do Salgueiro, Alface, Beldroegas, e outras que em folhas, flores, e raizes podem ser cozidas, infundidas, e distilladas para servir em Julepes, emulsões, chas, e apozemas refrigerantes. Tomem os Senhores Confessores aquellas que quizerem nas formulas que vaõ no Capitulo seguinte, que seraõ todas convenientes, ou prescriptas como penitencias, ou indicadas por conselho, depois dos remedios espirituaes que sabem tambem prescrever, e aconselhar.

CAPITULO XII.

Dos Remedios formulados convenientes no Satyriazes, e furor uterino, como tambem nas exhaurições por abuso do Matrimonio.

Electuario da Castidade.

RESpice de sementes de ortigas huma oitava.
Camphora duas oitavas.
Alcaçus em pó quatro escropolos.

Misture-se tudo muito bem, e depois se ajunte

Conserva de flores de Golfãos tres onças.
Xarope do mesmo quanto baste para o electuario.

Mande-se tomar oitava e meia deste electuario todos os dias de manhã, e de tarde, bebendo-se logo em cima hum cópo de soro de leite, em que se extinguirá hum ferro em braza, e depois lançando-lhe sinco gotas do licor antipasmodico de Boudon, o que se repetirá até se acabar toda a massa do dito Electuario.

Emulsaõ da Castidade.

Respice das quatro sementes frias maiores
oitava e meia.
Semente de papoila branca duas oitavas.
Agua de cevada libra e meia.
Faça-se emulsaõ, e feita ajunte
Agua de alface, e de Golfãos duas onças.
Agua de rosas huma onça.
Licor anodino de Hoffman vinte gotas.
Xarope de violas duas onças.

Misture-se, e mande-se tomar de hora em hora entre dia duas onças de cada vez, e se repetirá por oito dias.

Julepes da Castidade.

Respice Aguas de alface, de beldroegas, e papoila vermelha tres onças.
Xarope de violas duas onças.
Espirito de vitriolo quatro gotas.

Misture-se, e se mande tomar de manhã, ou junto, ou sómente ametade pelas oito horas, e outra metade pelas dez horas da mesma manhã; e assim se repita até tres dias, se forem solteiros que hajaõ de casar; e se forem Ecclesiasticos, velhos, Frades, e Freiras até vinte dias; mas se forem os mesmos ainda moços até quarenta dias. Ou-

Outro excellente.

Reſpice Flores de roſa vermelha huma onça.
Agua tepida tres libras.
Eſpirito de vitriolo, e de enxofre huma oitava.

Infunda-ſe por quatro horas de madrugada, e depois coe-ſe para huma garrafa, e va o enfermo tomando tres onças de duas em duas horas de manhã, e repetindo ſegundo as circunſtancias acima declaradas.

Outro efficaz.

Reſpice ſumo, expremido de freſco, e logo depurados, de camoezas quatro onças.
De limaõ tres onças.
De romãs huma onça.
Agua roſada duas onças.
Aſſucar branco meia libra.

Miſture-ſe tudo em huma garrafa, e dahi ſe irá tirando duas onças por cada vez, e pondo em hum cópo de agua de huma libra; ſe ajuntará de licor anodino de Hoffman trinta gotas, e ſe uſará de manhã duas vezes, huma pelas oito horas, e outra pelas dez; e ſe repetirá conforme as circunſtancias.

Outro conveniente.

Respice Aguas de Golfãos, e alface tres onças.
Xarope de Golfãos huma onça.
Espirito de vitriolo quatro gotas.

Misture-se, e tome-se duas vezes no dia, huma de manhã, e outra ao recolher, e dormir.

Ptisana da Castidade.

Respice Avea boa, e limpa duas onças.
Raiz fresca de Golfãos raspada huma onça.
Agua commua tres libras.

Faça ferver até diminuir a terça parte, e entaõ coe-se, e ajunte crystal mineral huma oitava, e tenha-se em huma garrafa, da qual irá o enfermo bebendo entre dia.

Outra melhor.

Respice Raizes de Malvaisco, de Golfãos, e de rosas huma onça.
Semente de linho embrulhadas em hum panno duas oitavas.
Alcaçus desfiado duas oitavas.

Infunda-se tudo em agua commua a ferver tres libras, e passadas duas horas de infusaõ se faça a coadura, e se va bebendo tepida entre dia e noite; e de manhã se se quizer lançar-

car-lhe ſinco gotas do licor antipaſmodico de Boudon, ficará a Ptiſana mais efficaz.

Apoſema para os caſados, e enfraquecidos.

Reſpice Folhas de Agrimonia, Virga aurea, Valeriana hortenſe, Manoios; de cada huma, huma maõ cheia.
Flores de centaurea menor, de Agrimonia, de Hypericaõ, de cada huma huma oitava.
Agua commua quatro libras.

Coſa-ſe tudo, e vá o enfermo bebendo entre dia de cada vez dez onças.

Pilulas para os caſados, e enfraquecidos.

Reſpice Quina, e Caſcarrilha meia onça.
Flores de macella em pó huma oitava.
Cryſtal mineral dois eſcropoles.
Xarope de Quina quanto baſte.

Façaõ-ſe pilulas de ſinco grãos cada huma, e o enfermo tomará por cada vez de manhã, e de tarde ſeis pilulas, e depois lhe beberá a agua fria que quizer.

Eis-aqui as formulas que baſtaõ para todo o genero de peſſoas. Naõ tem os Senhores Confeſſores mais que fazer do que mandallas executar mais ou menos vezes ſegundo a rebeldia da laſcivia de ſeus Penitentes, e a circunſtancia de ſuas peſſoas, eſcolhendo para os mais

robustos, e obstinados em seu peccado aquellas formulas em que entra o espirito de vitriolo, e para os mais fracos aquellas em que entra o Crystal mineral, ou os licores anodinos de Hoffman, e Boudon: os ingredientes que entraõ em cada formula saõ os mais convenientes antiafrodisiacos, mas os que se tiraõ do vitriolo saõ os unicos efficazes, porém para darmos maior extensaõ a este proposito seja o seguinte

CAPITULO XIII.

Os Remedios tirados do Vitriolo, e combinados com outros licores refrigerantes saõ os mais efficazes antiafrodisiacos.

CHamaõ-se antiafrodisiacos aquelles remedios, que ou moderaõ os ardores venereos, ou mesmo os extingue. Os antigos os tiravaõ de todos os tres Reinos, e puzeraõ cada hum em sua classe; mas a efficacia de todos elles naõ he hoje reconhecida dos Medicos modernos, que guiando-se pela razaõ fizeraõ dellas varias experiencias. Eu fallarei nos principaes em outro Capitulo, porque agora só me toca fallar dos que saõ tirados do Vitriolo. Estes antiafrodisiacos saõ o espirito de Vitriolo, o licor anodino de Hoffman, o antipasmodico de Boudon, e o sal sedativo de Homberg.

Todos estes remedios tomaõ sua qualidade re-

refrigerante, e anodina do acido vitriolico com que ſaõ combinados, ora por eſta qualidade ſó, elles naõ podem ſer nocivos, porque ſabendo-ſe que o calor he que deſtroe os corpos, e o frio o que os preſerva, vem a ſer mais uteis aquelles remedios que tiraõ dos corpos aquella agitaçaõ dos fluidos, que levanta o callor, que os deſtroe. As febres daõ hum teſtemunho evidente do que produz o calor exceſſivo no corpo humano, porque ſabe-ſe que naõ ha febre, que naõ alcalize toda a maſſa dos humores; mas tambem ſe ſabe que os acidos daõ hum allivio grande aos enfermos febricitantes, e meſmo as curaõ com ſegurança, pois os Medicos modernos tem reconhecido em ſua pratica o erro de Aſclepiades, e Methodiſtas, que naõ queriaõ dar aos enfermos febricitantes agua alguma nos tres primeiros dias da febre, e abominando eſta pratica naõ ſó daõ agua, porém a miſturaõ ſempre com acidos aſſucarados para os fazer miſciveis com noſſos humores, e os preſcrevem em mais, ou menos abundancia, mais ou menos vezes repetidas; porém de qualquer modo ſempre com allivio dos enfermos, e conſolaçaõ de todos. Ora o Satyriazes, e furor uterino ſaõ enfermidades de irritaçaõ, de phlogoſe, de febre, logo nellas devem os acidos ſer taõ convenientes como nas febres; mas ſendo certo que nas febres he ſeguro o effeito das preparações mencionadas do vitriolo, logo tambem o he nas ſobreditas enfermidades.

He

He verdade que os acidos extremamente fortes applicados sobre a carne dos animaes vivos, ou instillados nos seus fluidos os coagulaõ, e por consequencia occasionaõ a gangrena das partes que tocaõ; mas bem se vé que naõ saõ deste modo exhibidos os acidos do vitriolo que se prescrevem no formulario antecedente: elles saõ dados em pequenas gotas, e estas espalhadas em muitas aguas, que as adoça, e suavisa primeiramente, e depois as introduz tambem na circulaçaõ, onde communicaõ sómente aos fluidos aquella leitura, que he necessaria para os constituir em hum estado de movimento natural, e os fazer descahir do excesso com que estavaõ agitados, e tendiaõ a destruir a machina. Estes acidos assim espalhados em licores aquosos, e doces, como saõ os que se tem proposto vem a ficar da mesma natureza, que os acidos vegetaes naturaes, que segundo as experiencias do Conde de Marsilli parece deverem inteiramente sua origem aos succos que as plantas tiraõ da terra que as nutre, o que nos deve fazer olha-los como pertencentes originariamente aos mineraes, principalmente sabendo-se que aquellas plantas que naõ tocaõ na terra saõ só compostas de partes alcalinas, e na distillaçaõ naõ daõ mais que hum alcali volatil oleoso. Ora os acidos vegetaes naõ coagulaõ, nem causaõ a gangrena como experimentou Boerrhave, e os mesmos cosinheiros sabem quando misturaõ o vinagre com o sangue para os guizados: logo naõ coagu-

laõ

laõ tambem os vitriolos combinados como fica dito.

Mas a razaõ que mais persuade da segurança do uso destes remedios tomados do modo formulado, he a que se tira de suas analogias, combinações, ou attracções com os humores do corpo; porque sabendo-se que os acidos se apegaõ aos fluidos alcalinos, e formaõ depois deste apego hum fluido neutro, vem a deixar ver que combinando-se deste modo os acidos tirados do vitriolo com aquelles fluidos que encontra no corpo dos enfermos de Satyriazes, e furor uterino, chegaõ a produzir com elles hum fluido neutro incapaz por sua suavidade de irritar as fibras nervosas, e por consequencia propria para as fazer entrar em suas oscillações ordenadas, ou movimento lento, necessario sómente para conservar a vida das partes, e do todo, e constituir similhantes enfermos em estado de quietaçaõ de espirito, ou de moderaçaõ das paixões, que he o que se deseja em todos os systemas Moraes, e Filosoficos, mesmo naquelles que querem que as paixões se extingaõ, e naõ se mortifiquem sómente. Eu disse que os acidos mineraes applicados assim simplices sobre a carne produziaõ a gangrena, mas que quando se espalhavaõ em muita agua naõ tinhaõ este effeito, e produziaõ entaõ hum refrigerio saudavel; porém agora quereráõ os Senhores Confessores saber até onde poderá chegar este refrigerio sem que produza damno algum, mas como a resposta deve

ſer extenſa para ſe ſatisfazer ao que ſe poderia deſejar ſobre eſte ponto, paſſemos a expolla no ſeguinte

CAPITULO XIV.

Os Remedios acidos tirados do vitriolo quando delles ſe abuſa por mais de quarenta dias, ou naõ ſe praticaõ outros ao meſmo tempo, produzem a caſtraçaõ, e mais enfermidades geraes que ſe derivaõ dos acidos.

A Maxima de Horacio de que *Vacuis committere Venis nil niſi lene decet*, he applicavel á Medicina igualmente que á Coſinha. O homem naõ come, nem bebe coiſa alguma que naõ entre nas vias da circulaçaõ: todas as comidas, e bebidas ſaõ transformadas pela acçaõ dos orgãos digeſtivos em hum Chilo, que miſturado com noſſos humores lhes communica as qualidades de que he dotado. Eſte Chilo pois quando he neutro, e balſamico paſſando aſſim preparado para o ſangue fórma com elle huma maſſa homogenea propria para nutrir, e ſupprir todas as neceſſidades da economia animal; porém quando os orgãos digeſtivos eſtaõ fracos, tanto por inercia dos fluidos, como por atonia dos ſólidos, entaõ o Chilo naõ ſe neutraliza, mas ſe converte, ou em acido, ou em alcalino, e vem a ſer principio de duas acrimonias, que por ſi ſó fazem grande eſtrago,

mas

mas que se curaõ muito bem huma por outra, isto he o acido pelo alcalino, e o alcalino pelo acido.

Sendo assim fica claro que quando o uso contínuo das preparações do Vitriolo encontrar estomagos fracos incapazes de as mudar, e que concedendo-lhes franca passagem para a circulaçaõ, resultará de sua mistura com os humores tambem suppostos enfraquecidos, huma inercia geral em toda a machina, que se fará conhecida pelas dores no estomago, a paixaõ illiaca, flatos, spasmos, obstrucções, gotas, escrofulas, cancros do peito, tuberculos, vomitos, e principalmente a castraçaõ por frialdade como o dizem Ethmulcro, de la Metrie, e outros que attestaõ este effeito pelo abuso do espirito de Vitriolo. A razaõ he clara, porque coagulando este espirito todos os humores do corpo, que circulaõ em vasos largos com presteza, muito mais ha de coagular aquelles que lentamente circulaõ pelos vasos espermaticos, que saõ de si mesmos viscosos, e destinados a coagular-se em massas sólidas. Além de que ensina a Anatomia que os canaes, e secretorios, aonde se elaboraõ os fluidos da geraçaõ, saõ mui finos, e estreitos cheios de circunvoluções, e por consequencia com facilidade para nelles, ou encalhar os seus fluidos proprios, ou naõ entrar, e se filtrar estes mesmos fluidos quando se separaõ do sangue já condensado, ou que mesmo naõ se separaõ para esta funçaõ, e concedido tudo isto, naõ se segue depois a frial-

dade nos genitaes ? Segue-se naõ ha dúvida a frialdade com todos os seus effeitos, que saõ a collabencia destes vasos, seu fechamento, e logo a seccura, e diminuiçaõ dos mesmos genitaes, e quasi sua obliteraçaõ; porque se tem observado que homens que antes haviaõ entrado na palestra do amor com grandes lanças, depois do abuso de bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo, foraõ achados com similhanças sómente das armas dos meninos de hum anno. Eu conheço hum Religioso que havendo tomado quarenta dias consecutivos de manhã quatro gotas sómente do espirito de Vitriolo, ora em agua pura, ora em Ptisana de frango, chegou a resfriar-se até reduzir a grandeza ordinaria dos globulos da virilidade a huma fava pequena. O grande Haller na sua Fysiologia falla de outro Religioso que foi anatomizado depois de morto, e se lhe acháraõ os genitaes naõ sómente diminutos, mas seccos: o que comprova ser tudo verdade quanto Langio sobre Fabro traz nesta materia a respeito do Vitriolo. O que agora póde espantar he que havendo eu dito que o abuso das bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo produzem naõ só a frialdade, mas tambem outras doenças, naõ faço mençaõ das doenças que observei no meu Religioso, igualmente que de outras pessoas que foraõ tratadas por Medicos neste ponto. Ao que respondo que he verdade que as pessoas, que se refrigeraõ pelas bebidas aciduladas com o espirito de Vitriolo, naõ contrahiráõ dahi

doen-

doença alguma grave; porém todas ficaráõ sómente mais fracas, e propensas a catarros, o que basta para comprovar a proposiçaõ deste Capitulo: pois esta mesma fraqueza, e propensaõ a catarros se reputa na Medicina por enfermidade, mas como estas enfermidades sobrevem do abuso dos Vitriolos por naõ se tomarem com as cautelas necessarias, por isso he preciso expormos agora estas cautelas, ou remedios com que se evitaõ as queixas aqui mencionadas pelo abuso dos Vitriolos.

CAPITULO XV.

No uso dos Vitriolados se devem interpolar os absorventes, e alcalinos.

O Methodo naõ só preservativo, mas tambem curativo de todas as enfermidades, que se originaõ de quaesquer acidos, saõ os absorventes, ou alcalinos. Todos os alcalis se unem bem com os acidos, os desapegaõ de outra parte a que se haviaõ unido, e formaõ com elles hum sal neutro que toma algumas propriedades dos mesmos acidos, com que se unem, e vem a ficar naõ só innocente, mas ainda analogos ás qualidades dos humores humanos, que naõ saõ nem acidos, nem alcalicos. Estes alcalinos se podem tomar em primeiro lugar dos alimentos oppostos aos acidos, em segundo lugar do exercicio, e em terceiro lu-

lugar dos medicamentos que abſorvem, mudaõ, ou diluem os ditos acidos.

Os alimentos comprehendem a agua pura, e à comida de biſcoito, paõ torrado, carnes aſſadas, e principalmente o peixe aſſado em brazas; e a razaõ he, porque ſimilhantes alimentos tem aſſim preparados huma qualidade oppoſta aos acidos que os muda, e abſorve: mas fóra deſtes alimentos naõ ſe póde conceder outro algum nem tirado dos vegetaes, nem ainda meſmo de alguns animaes, porque todos ſe azedaõ, e azedando-ſe augmentariaõ ſem dúvida o damno que ſe temeria, produzido pelos remedios vitriolados. Aſſim pois naõ poderáõ os Senhores Confeſſores quando aconſelharem os vitriolados para remediar o Satiriazes, e furor uterino, impôr outras abſtinencias mais que a da carne cozida, das hervas, legumes, leites, queijos, e principalmente do vinho, porque ninguem ha que naõ poſſa ſaber que todos eſtes alimentos ſe fermentaõ, e que de doces que eraõ antes ſe convertem em pouco tempo em azedos. Ora huma penitencia reſtringida ſómente a comer carne aſſada, peixe aſſado, biſcoito, e agua naõ póde naõ ſer penoſa a quem he achacado dos vicios do amor, que ſó procuraõ prazeres na variedade dos alimentos, ou ſejaõ nobres, ou vis: e ſendo ſem dúvida penoſa como he a dita penitencia, que razaõ haverá para que os Senhores Confeſſores a naõ imponhaõ por penitencia, com o conſelho dos remedios antiafrodiſiacos? Tambem no uſo frequen-

quente dos vitriolados ſe deve preſcrever o exercicio, porque o exercicio qualquer que elle ſeja como faz jogar os muſculos, nervos, e mais vaſos do corpo humano, lhes communica forças pelas oſcillações em que as pôem para impedir ſua laxidaõ, e desfazer todas as obſtrucções que ſe podiaõ formar com os fluidos, ou nos capillamentos dos vaſos, ou em ſeus recantos, e circunvoluções. Ora eſte exercicio póde ſer o de algum trabalho de mãos, compativel com o eſtado de qualquer peſſoa, ou Eccleſiaſtica, ou Secular; porque ninguem ha que meſmo eſcondida em ſua caſa naõ poſſa v. g. varrê-la, arruma-la, eſcrever, tecer, fiar, bordar, &c. ou tambem póde ſer o exercicio do paſſeio, ſantificado com outros de piedade, como ſahir a viſitar huma Igreja, correr a Via-Sacra, e outras devoções, que naõ ſe fazem ſem paſſeio, nem exercicio, e podem ſer a materia da penitencia.

Mas depois do exercicio, e dieta, mais ſeguro ſerá ainda aconſelhar-ſe ſempre o uſo dos abſorventes, e baſta que ſejaõ alguns dos pós que tem eſta propriedade, como a magnezia alba, os olhos de Caranguejos, os das conchas das Oſtras, o das Perolas preparadas, e outros ſimilhantes: eu ſempre preferiria a magnezia alba, que na claſſe dos abſorventes além de ſer de preço barato, he o mais excellente por naõ ter a qualidade de ſe converter em maſſa dura inſoluvel, mas ſim por ter a propriedade de ſe precipitar do eſtomago para os inteſtinos, e

fa-

facilitar a excreçaõ ordinaria. Em fim feria ainda mais conveniente o prefcreverem no ufo dos vitriolados algum daquelles faes alcalinos, ou fixos preparados com o lexivio das cinzas, ou volateis tirados dos animaes, e mefmo dos vegetaes; mas como he coifa enfadonha a preparaçaõ deftes faes, e requerem maior fciencia da Chymia, e Medicina nos que houverem de os prefcrever, por iffo podem os Senhores Confeffores, e Penitentes contentar-fe fómente com o fabaõ branco de qualquer Provincia que feja, como o de Veneza, o de Alicante, e mefmo o de Portugal, fazendo-fe delle tres pilulas de grandeza ordinaria, e mandando-fe tomar no outro dia depois do ufo dos vitriolados, dez horas depois de cear, e affim ir continuando, e interpolando eftes remedios, em todo o tempo em que de huns, e outros fe fizer ufo.

O ufo pois dos vitriolados affim interpolados com o dos alcalinos, póde fer continuado até quarenta dias por peffoas Ecclefiafticas, que fó procuraõ a extinçaõ dos ardores do vicio da luxuria, fem damno de fua faude, porque defte modo ficando os primeiros remedios corrigidos pelos fegundos, fem impedir feu effeito, vem elles Ecclefiafticos a ficar naquelle eftado de paz neceffario para a edificaçaõ de feu proximo, e promptidaõ em todas as funçóes de feus Minifterios.

A refpeito porém dos Senhores Seculares, que ou faõ cafados, ou devem cafar, tambem o ufo dos vitriolados praticado do modo fobre-

bredito naõ terá perigo algum para a ſua ſaude; mas como nelles ſe deve ſempre attender para a fecundidade, e conſervar por conſequencia aquelle calor neceſſario na paleſtra do amor, por iſſo baſta que nos caſos de ſerem atacados de Satyriazes, e furores uterinos extendaõ o uſo dos Vitriolados até tres, ſinco, oito, dez, vinte dias continuados, para ſe moderarem ſeus ardores, ſem contrahirem dahi frieldade notavel, que lhes ſirva de impedimento para o uſo do matrimonio; e a razaõ he tirada da meſma experiencia, pois em ſimilhantes peſſoas caſadas ſe tem viſto naõ reſultar frieldade, quando em ſuas febres ardentes, putridas, e malignas ſe lhes preſcreve por dez, quinze, e vinte dias Julepes acidulados com o eſpirito de Vitriolo; porque depois de convalecidos ſe empregaõ nos officios do matrimonio como dantes com geraçaõ de novos filhos. Depois da expoſiçaõ dos remedios tirados da Medicina, he juſto agora reſolver outras queſtões moraes, que eſtaõ ligadas aos pontos precedentes, mas como niſto naõ ſó os Senhores Confeſſores quereraõ huma ſatisfaçaõ para as ſuas conſciencias, mas tambem os meſmos Penitentes; pois huns quereraõ ſaber ſe licitamente poderáõ aconſelhar eſtes remedios antiafrodiſiacos, e meſmo impôllos por penitencia, e preſcrevellos como preceito, e outros goſtaráõ igualmente de ſaber, que licita e ſantamente podem pedir, acceitar; e praticar os ditos conſelhos, por iſſo vamos a examinar eſtes pontos nos Capitulos ſeguintes.

M CA-

CAPITULO XVI.

Os Confessores podem aconselhar, e prescrever os remedios fysicos antiafrodisiacos.

E Porque naõ poderáõ os Senhores Confessores aconselhar, e prescrever os remedios fysicos antiafrodisiacos áquelles seus Penitentes achacados de Satyriazes, e furor uterino, que por relapsos frequentes passaõ mezes, e annos sem emenda alguma, e se impossibilitaõ mais, e mais a poderem ser absolvidos? Theologo algum, e Jurista poderá descobrir razaõ convincente, e fundada na Escriptura Santa, Santos Padres, e Concilios, que tenha força para persuadir naõ lhes ser licito o darem este conselho, ou prescreverem estes mencionados remedios. S. Paulo entregou hum incestuoso de Corintho a Satanáz para o curar do Satyriazes. E porque naõ entregaráõ os Senhores Confessores a similhantes peccadores á Medicina? He a Medicina por ventura algum demonio, e os seus remedios algum encantamento? O Evangelho manda mortificar nossos corpos, fazellos victimas da penitencia, e os Santos se maltratavaõ com jejuns, cilicios, açoites, até se fazerem chagas vivas, derramarem muito sangue, e mesmo desfallecerem no meio dos seus tormentos voluntarios. S. Bento se deitou sobre agudos, e penetrantes espinhos: S. Bernardo se metteo em hum banho de gelo: e S. Francis-

co

co de Aſsís ſe deitou ſobre brazas acceſas. Ora tudo iſto eſtraga a ſaude do corpo, encurta a vida, e com tudo nunca a Igreja condemnou tantos rigores, mas antes os tem admirado, e louvado nos ditos Santos. Logo porque ha de a Igreja prohibir o conſelho, e a exhibiçaõ de remedios que certiſſimamente naõ cauſaõ damno algum conſideravel formulados, e com as cautelas que ſe diſſe?

Todo o homem deve antes expôr-ſe a todos os males temporaes, do que peccar huma ſó vez: do número deſtes males naõ ſe exceptúa a meſma morte. Logo ainda quando o uſo dos remedios cauſaſſe alguma doença, podiaõ os Confeſſores aconſelhallos, e preſcrevellos, igualmente que acceitallos, e praticallos os Penitentes, para ſe emendarem de ſeus peccados. A meſma mutilaçaõ, amputaçaõ, e caſtraçaõ he permittida pelos Canones para effeito da cura de alguma doença, v. g. a gangrena dos genitaes. Logo os meſmos Canones naõ poderaõ naõ permittir os remedios innocentes para a cura do Satyriazes, e furor uterino, que toda a torrente dos Medicos dizem ſer huma doença inflammatoria, que desfecha muitas vezes em gangrena.

Além de que ſe bem attendermos para o eſpirito das Leis Divinas, e Eccleſiaſticas, veremos que naõ ſómente o naõ prohibem aos Confeſſores, e Penitentes o conſelho, e o uſo dos remedios mencionados: antes de alguma ſorte os mandaõ, e preſcrevem. Sim: porque,

que intenta a Igreja Santa com prescrever jejuns, até condemnar a bebida do vinho, e da mesma agua? Que nos dizem os Canones, quando impõem huma suspensaõ, e irregularidade aos achacados de Satyriazes, para naõ serem promovidos a ordens, e naõ poderem ministrar estando já promovidos? Naõ foi sempre abominada na Igreja toda a lascivia, mesmo a dos Pagãos? E muito mais a dos Christãos, e Ecclesiasticos? Naõ impõe ella hum preceito de castidade o mais estricto que póde haver a todos os Ecclesiasticos? Pois póde a Igreja mandar tanto a execuçaõ de huma virtude, sem obrigar igualmente a praticar-se aquelles meios que conduzem a adquirir esta virtude? Ou póde ella recommendar a virtude, e prohibir hum meio necessario para praticalla? Aconselha S. Paulo a virgindade para que os Fiéis desembaraçados dos laços da carne, possaõ elevar seus corações a Deos, e occupar-se na oraçaõ, e naõ poderáõ os Confessores aconselhar a estas mesmas virgens o uso dos remedios fysicos que lhes tira as inclinações, e appetencias da carne, para com maior paz se occuparem na oraçaõ com Deos?

Mas objectaraõ, que extinguindo-se com remedios os ardores da concupiscencia, se tira a luta da carne contra o espirito, e por consequencia se tiraõ tambem as occasiões de poderem os Fiéis ser mais perfeitos, e mais merecer com suas resistencias, e victorias. Mas eu naõ sei como Theologo algum se possa capaci-

citar desta opiniaõ de mais perfeiçaõ, e merecimentos na luta da concupiscencia, sobre a paz no exercicio de outras virtudes. Mas para se descobrir o engano da objecçaõ seja o seguinte

CAPITULO XVII.

Naõ ha mais perfeiçaõ, nem tambem maior merecimento na luta da concupiscencia, do que ha de perfeiçaõ, e merecimento no exercicio pacifico das virtudes.

HE verdade que S. Paulo experimentou em sua carne a luta da concupiscencia: mas poderemos dizer que por esta luta subio elle a maior perfeiçaõ, e adquirio maiores merecimentos do que adquiriria, e havia de adquirir sem tentaçaõ pelo exercicio geral das virtudes? Eu me persuadiria haver cahido em heresia, se o quizesse affirmar. S. Paulo mesmo naõ quiz subir á perfeiçaõ por meio de huma tal luta; tres vezes pedio a Deos o livrasse desta affliçaõ, signal evidente de que naõ se capacitava ser com ella mais perfeito; porque se elle tivesse o pensamento de que com os ardores, e movimentos lascivos se fazia mais perfeito, naõ havia de pedir o seu allivio, e se o pedisse tendo esta persuasaõ podiamos nós dizer, que sua petiçaõ fôra ímpia, por pedir tanto o naõ ter esta perfeiçaõ, como tambem o naõ ter este meio de ter maiores merecimen-

tos.

tos. Ora a petiçaõ de S. Paulo naõ foi ímpia, ella foi perfeita, e fundada ſobre o conhecimento de ſua tentaçaõ, ou concupiſcencia ſer huma deſordem em ſeu corpo, huma enfermidade, huma pena de que o livrar-ſe, e curar-ſe lhe era mais glorioſo, e perfeito do que tella, e nella conſumir-ſe. Tambem o Senhor naõ havia faltado em lhe acudir com o remedio: elle lhe deo a ſua graça, e reſpondeo que eſta graça lhe baſtava; porque por ſua efficacia ſe reſtabeleceria na paz, e ſaude, que o Santo Apoſtolo deſejava, que he o meſmo que dizer que a enfermidade com que enfermava ſua caſtidade, ſe curaria, ou aperfeiçôaria com a virtude da graça de Jeſu Chriſto.

Deſta meſma graça de Jeſu Chriſto tiramos ainda hum argumento, que confirma naõ ſer mais perfeito o eſtado da luta da concupiſcencia, em que eſtava S. Paulo, nem tambem merecer mais com eſta luta, do que mereceria com o exercicio pacifico das virtudes. Sim: porque ninguem dirá que o eſtado de doença que ſe deve curar por medicamentos ſeja mais perfeito, que o eſtado da ſaude que os naõ requer para conſervar-ſe: ninguem dirá que Adaõ innocente vivendo em ſaude com huma graça ſufficiente, graça verſatil dependente do ſeu arbitrio, inteiramente livre, e ſaõ, ſeja mais perfeito, do que depois de haver peccado, e enfermado com a concupiſcencia, de modo que para ſe relevar deſta enfermidade já naõ lhe baſta a graça que tinha, (que eu comparo

ao

ao alimento ordinario, com que quotidianamente nos conservamos na saude corporal) mas que já tambem necessita da graça de Jesu Christo, graça efficaz que illumina, e inflamma, dá naõ sómente forças para vencer a concupiscencia, mas tambem a vence, e nos faz exercitar virtudes contrarias á mesma concupiscencia. Os valentes, e perfeitos (disse Jesu Christo) naõ tem necessidade de Medico, esta necessidade só tem os enfermos, e imperfeitos, que lutaõ com grandes males, como a concupiscencia. Adaõ em quanto innocente era valente, e por isso perfeito; mas em quanto atacado da concupiscencia, era enfermo, que necessitava da graça de Jesu Christo, como de remedio. S. Paulo com a graça que o Senhor lhe deo, mostrou estar enfermo, e necessitar de remedio: logo tambem mostrou naõ ser perfeito estar, e lutar com sua concupiscencia, nem tambem ter neste estado hum grande valor, ou merecimento diante de Deos. O mesmo Apostolo o disse, que todos os que naõ guardassem virgindade soffreriaõ a tribulaçaõ da sua carne, mas que elle lhes perdôava: *Ego autem vobis parco.* Ora em pontos de Theologia naõ póde haver perdaõ no que he perfeito, e meritorio, o perdaõ sempre suppõe culpa, e esta culpa se chega a faltar nas lutas da concupiscencia, sempre he reconhecida ao menos nas suas causas antecedentes, isto he, no peccado original, e em todas aquellas circunstancias, ou fysicas, ou moraes, que infallivelmente haõ de proce-

der

der os ardores lascivos, ou a luta da concupiscencia. E na verdade o ser tentado sem peccado algum só foi prerogativa de Jesu Christo, como affirma o mesmo S. Paulo. Os homens porém ainda ajudados da graça naõ se podem gloriar de taõ grande felicidade neste mundo; mas sempre no fim de suas lutas acharáõ no fundo de suas consciencias algum motivo para se accusarem de maior, ou menor peccado, e pedirem a Deos perdaõ delle com humildade, e reconhecimento de nossa fraqueza. Ora em luta onde ha sempre algum peccado naõ póde haver grande merecimento, e muito menos perfeiçaõ. Temos ainda a nosso favor a maxima universal dos Santos Padres, que dizem ser em similhante guerra muito rara a victoria, e he digno de reflexaõ, que ainda esta victoria rara naõ he caracterizada por completa; motivo, por que nos deve fazer crer, que nas mesmas victorias sempre ha que chorar, e por consequencia que falta nellas a perfeiçaõ em si mesma, e a perfeiçaõ tambem do merecimento.

E na verdade, naõ he huma heresia dizer que o homem atacado de todo o furor da concupiscencia, e lutando com ella, he mais perfeito que o homem livre, isento, e vivendo em paz com liberdade, e piedade? Oh que se isto naõ he heresia, tambem naõ o será dizer que Adaõ naõ foi mais perfeito no estado da innocencia, do que no estado da concupiscencia; como igualmente que Jesu Christo, e a Mãi de Deos seriaõ mais perfeitos se contra-

hissem de seus Progenitores tambem a concupiscencia com que lutar. Mas eu naõ creio que Theologo algum, que saiba defender a sua fé, queira nem ainda ouvir huma tal blasfemia. Logo deve ficar certo que naõ he perfeiçaõ o ter concupiscencia, igualmente como naõ he meritorio o ter lutas com a mesma concupiscencia: porque ainda este membro de minha illaçaõ acha em Jesu Christo, e na Santissima Virgem huma prova irrefragavel. Elles merecêraõ por suas obras infinitamente mais do que creatura alguma pode no Ceo, e poderá sobre a terra já mais merecer em sua vida. Ora o Salvador, e sua Mãi Santissima naõ tiveraõ concupiscencia, e suas lutas. Logo assim como elles, podem tambem os Fiéis merecer por outras obras, que naõ sejaõ a de lutar contra a lascivia: poderáõ merecer mais sem concupiscencia do que com ella.

E porque naõ succederá assim? Naõ he a caridade o principio da perfeiçaõ, e merecimento? E naõ pode ter maior caridade quem tiver menos concupiscencia, ou lascivia? Pode naõ ha dúvida, esta he a mesma verdade.

Em quanto a creatura se acha inflammada nos ardores da concupiscencia, se acha no meio de hum fogo que lhe encobre o Sol de justiça; segundo a expressaõ da Escriptura Santa: *Supercecidit ignis, & non viderunt solem.* A cegueira, a inconsideraçaõ, a precipitaçaõ, a inconstancia, o amor proprio, o affecto ao temporal, e o horror á eternidade fu-

tura, rodeaõ a alma lasciva de todas as partes, a empenhaõ, a inclinaõ, e a dirigem para o perigo, e peccado, huma graça ordinaria naõ basta para nella produzir huma mudança constante, he preciso outra do número daquellas que a Theologia chama victoriosas, e triunfantes; porém estas graças saõ milagrosas, e a Igreja as adora na conversaõ de hum S. Paulo, e de hum Santo Agostinho. Os mais peccadores de que o Inferno está cheio naõ a recebêraõ, a guerra que tiveraõ com suas concupiscencias só foi para ficarem vencidos, e captivos do demonio: o mesmo que a elles succedeo succede ainda á maior parte daquelles, que saõ atacados da concupiscencia, ou da lascivia: naõ he pois perfeiçaõ ter estas guerras, como igualmente naõ he seguro buscar merecimentos em huma victoria, ou duvidosa, ou attribuida mais vezes ao peccado. Quando porém a mesma creatura possue huma carne pouco rebelde ás leis do espirito, quando ella naõ se vê necessitada a combater com as propensões da lascivia, mas que com hum espirito desembaraçado, e hum corpo mesmo por favor da Medicina reduzido para assim dizer á escravidaõ da frieldade; entaõ qualquer graça lhe he efficaz, ou tem hum gráo de maior força para a mover, inclinar, e dirigir á virtude: sua razaõ se illumina com todas as luzes Celestes: sua vontade facilmente se dobra, segue os impulsos do espirito, gosa do amor de Deos, e dos bens da eternidade, occupa-se em exer-

exercicios ſantos, e vive em fim ſempre ajuſtado ás leis que tem obrigaçaõ de guardar: a caridade he em tudo ſua conductora, Deos ſeu unico objecto, ama-lo, e poſſui-lo he o ſeu prazer, e deſte modo que obras poderá fazer que naõ ſeja hum aſpirar á perfeiçaõ, e hum accumular merecimentos? Naõ he eſta a meſma verdade? Fique pois reprovada a opiniaõ que aſſevera ſer perfeiçaõ, ſer atacado da concupiſcencia, e meritorio o ter com ella lutas.

Nem ſe diga mais que os homens no tempo que ſaõ tentados com a laſcivia, ſe fazem devotos, e recorrem a Deos pela oraçaõ, e penitencia com mais frequencia: porque ainda concedendo de graça que iſto faça hum, ou outro homem juſto, naõ o faz certamente hum milhaõ de homens tentados. A Theologia naõ ha dúvida que bem intíma a obrigaçaõ que tem os Fiéis de recorrer a Deos em todas as ſuas tentações, principalmente nas que ſaõ contra a caſtidade: que he o meſmo que dizer, que ſe buſquem remedios moraes, para naõ dizer milagres no tempo das enfermidades que atacaõ a carne, e o eſpirito, e a que a Medicina chama nos homens Satiriazes, e nas mulheres furor uterino: e que para as curar ha Deos deixado remedios fyſicos na natureza. Mas haja embora eſta obrigaçaõ de recorrer a Deos, eu naõ a impugno, e Deos me livre de huma tal libertinagem. Recorramos a Deos, eu o quero, e perſuado: mas ſeja para lhe pedirmos aquella graça, que nos faça conhecer,

e temer nossa enfermidade. Só digo que naõ obstante esta obrigaçaõ, qual he o Confessor que no Tribunal da penitencia examine o seu cumprimento, ou se o examina que ache que todos a cumprem com exactidaõ? Além de que a maior parte dos Fiéis naõ lê por livros de Theologia para se persuadirem da obrigaçaõ de recorrer aos remedios moraes, nem segue a devoçaõ das gentes piedosas de se applicarem á liçaõ de livros ascéticos, ou buscarem em tudo o conselho de seus Confessores, para aprenderem a familiarizar-se com os recursos aos remedios moraes. Os mesmos Ecclesiasticos, os Clerigos, Frades, e Freiras que deviaõ occupar-se continuamente na liçaõ Santa da Theologia ascética, Moral, e Dogmatica, nem ter outra vida que a de hum contínuo recurso á oraçaõ, e á penitencia: quaes saõ de entre elles que assim o praticaõ, e que assim vivem? Examinem os Senhores Confessores a todos os seus Penitentes sobre este ponto; e acharáõ ser certo que ainda muitos dos que por estado saõ chamados a estes recursos moraes, ou exercicios de piedade faltaõ a esta obrigaçaõ; e dahi digaõ-me que hei de esperar daquelles que naõ tem para a sua vida outra regra mais que a sua vontade? Ora se geralmente os Christãos naõ recorrem a Deos, á Oraçaõ, e á Penitencia no tempo dos ataques da concupiscencia; ou se algum recorre he com indigna tibieza, para que se ha de estranhar a exhibiçaõ dos remedios fysicos, conducentes á observancia da casti-

ti-

tidade? Para que se ha de dizer que com os remedios fysicos se tira o proveito da tentaçaõ? Naõ parece isto gostar dos ataques da concupiscencia, e chegar-se muito para a heresia de Molinos? O que eu sei de certo he que nos combates do Satyriazes, e furor uterino se sente sempre algum prazer carnal, e que a natureza com elle se contenta, quando se naõ atreve a tomar outros maiores. Das mulheres disse hum Poeta que quando fogem, e recusaõ seus favores a hum pertendente que as busca, nunca he com tanta diligencia, e ligeireza, que naõ deixem entender gostariaõ de que as apanhassem na fugida, e lhes fizessem violencia: Ora isto mesmo he o que me parece se busca no subterfugio da devoçaõ, que se pretexta para naõ se admittir os remedios fysicos, que curaõ o Satyriazes, e furor uterino. Porém basta; passemos agora a examinar a efficacia de outros remedios em que fallaõ os Medicos, e a que querem tambem chamar antiafrodisiacos.

CAPITULO XVIII.

Nem todas as drogas que alguns Medicos gabaõ, saõ geralmente antiafrodisiacas para todos.

OS Medicos tem gabado algumas drogas como dotadas de huma qualidade especifica para refrear os estimulos da lascivia; porém ellas saõ taõ conhecidas por contrarias aos seus louvores, que todos podem descubrir o engano.

A primeira que se tem celebrado he a Canfora, ou em fórma de bolo, ou em algum licor na dóse de dez até quinze gotas. Cantase hum verso Latino, que dizia castrar ella só com o cheiro aos homens:

Camphora per nares castrat odore mares.

Mas esta opiniaõ se fundava no prejuizo de ser esta droga dotada de huma qualidade fria, que a experiencia, e a mesma razaõ tem mostrado ser falso; porque se se attende ás suas qualidades irritantes, e dessecativas, como tambem que o movimento dos humores he accelerado por ella até vencer as obstruções das partes, naõ podemos dizer senaõ que ella he quente, e que se refrigera, he porque com a grande subtileza de suas particulas se evapora depressa pelos póros do corpo, e reanimando entaõ as fibras laxas, facilita a circulaçaõ, e faz transpirar o Virus picante das acrimonias que antes irritavaõ, e causavaõ os ardores inflamma-

matorios da lascivia; mas desta explicaçaõ bem se deixa ver que o refrigerio he hum effeito accidental da Canfora, similhante ao do fogo quando dissipa huma inflammaçaõ levantada de huma queimadura, ou tambem como a pimenta refrigera quando por seu uso excessivo enfraquece o calor natural, dissipando o volatil dos fluidos que agitava os solidos, e refrigerando por consequencia, sem que por isso se possa olhar nem o fogo como hum elemento frio, nem a pimenta como hum fruto refrigerante, pois no mesmo sentido se poderia tomar a neve por quente, porque inflamma as mãos quando se lhe pega, as deixa vermelhas, cheias de frieiras, e mesmo tocadas de gangrena.

Com tudo esta Droga naõ he para se desprezar inteiramente em todos os casos da lascivia. Eu sem me deixar levar do prejuizo da frieldade que della tinhaõ os antigos, nem tira-la tambem com os modernos da classe dos antiafrodisiacos usaria della com discriçaõ, e a prescreveria em Julepes refrigerantes, e acidulados; mas só para aquellas pessoas gordas sanguineo-linfaticas, que pela turgencia dos vasos espermaticos saõ atacados de Satyriazes, e furores uterinos, e isto depois de fazer preceder as evacuações necessarias por sangrias, e purgativos; porque como entaõ a canfora os seccaria fazendo-os transpirar mais; ellas se achariaõ tambem alliviadas da turgencia dos vasos espermaticos, e por consequencia curados do Satyriazes, e furor uterino. Este mesmo uso porém

rém naõ ſerá conveniente para as peſſoas magras, em quem o vicio da laſcivia provém mais da irritaçaõ do ſyſtema nervoſo, que da abundancia do ſucco da geraçaõ; porque, ſendo certo ter a Canfora qualidade irritante, e deſſecativa, naõ ſe poderá eſperar allivio algum nos enfermos magros, antes maiores eſtragos, eſtimulos, e movimentos laſcivos. Aſſim fico concordando com os Medicos antigos, e com os modernos, e indicando aos Senhores Confeſſores o modo, com que podem uſar da Canfora, dando-a a peſſoas gordas (como diz Scaligero) ſe dava aos Monges antigos a maſtigar para reprimir os eſtimulos venereos, e deixando de a dar ás peſſoas magras, que com o ſeu uſo podem ficar mais irritadas; mas por eſta condeſcendencia nunca direi ſer a Canfora hum eſpecifico antiafrodiſiaco conveniente para todos.

O ſegundo depois da Canfora gaba Ethmulero no furor uterino o licor limpo, e acquoſo que diſtilla dos ramos mais tenros do Salgueiro, quando no veraõ ſe cortaõ, elle diz: que eſte licor bebido, ou miſturado com farinha, e comido extingue toda a propenſaõ venerea, como igualmente faz o meſmo Salgueiro o coſimento das folhas freſcas, e tenras, e bebido de manhã em jejum; porém Mr. Aſtruc, que o quiz experimentar em algumas mulheres, atteſta que nada aproveitava com o uſo do dito coſimento, logo o coſimento ſó do Salgueiro de nada ſerve geralmente para todos, porém combinado com outras plantas, e aguçado com

qua-

quatro gotas do espirito de Vitriolo naõ duvido que surta effeito.

A terceira Droga he o Vegetal Agnus-Castus, assim chamado por fazerem delle cama as matronas Athenienses, quando nas festas de Ceres deviaõ guardar castidade, como diz Plinio, e Dioscorides. O Author do homem fysico diz que em França costumaõ os Frades, e Freiras a plantá-lo em roda de seus Conventos. Em Portugal naõ sei que se faça com esta planta Jardins, e ornamentos: mas ainda quando houvesse em abundancia, nunca a virtude da castidade lhe podia ser legitimamente attribuida; porque o amargor, e acrimonia que se goza em suas folhas mastigadas, bastava para della nos fazer duvidar; e além disto o mesmo Dioscorides affirma que o seu uso promove os tributos mensaes das mulheres, e com esta propriedade está claro que ella naõ póde ser substancialmente refrigerante.

Quarto. Sennert, e Riverio numeraõ tambem entre os simplices verdadeiramente antiafrodisiacos a Arruda, a Hortelã, a semente de Bisnaga, o Endro, o Páo de Aquila, Therebentina, &c.; mas todas estas Drogas poderáõ por si só ter huma tal virtude como tem a pimenta, e por isso naõ he preciso que mais me cance em refutá-las. Estes Authores naõ devem ser ouvidos, se nos querem persuadir que podiamos usar destas Plantas, sementes, ou resinas, ou cada huma por si só, ou todas juntas; mas se elles querem insinuar que combinadas

com outras Drogas na verdade refrigerantes, e que fazendo-se algum cosimento acidulado com o espirito de Vitriolo, e adoçado com xarope da mesma virtude, entaõ com mais acerto se poderá prescrever, e aconselhar com esperanças de algum bom successo; mas estas mesmas drogas distilladas em aguas taes, como as que traz o mesmo Sennert, com o titulo de Castidade, e tambem Riverio, entaõ eu diria com ingenuidade que de nada prestaõ; porque a Medicina tem hoje experimentado que as aguas distilladas naõ tem a efficacia, que tem o cosimento das mesmas plantas; porém naõ obstante esta inefficacia se se lhe ajuntar suas gotas de espirito de Vitriolo, entaõ naõ duvidaria de sua utilidade; porque em fim sempre achariamos ao menos em todo o tempo huma agua tirada de plantas apropriadas, quando naõ achassemos em qualquer estaçaõ do anno as mesmas plantas, se quizessemos dellas usar em cosimento.

Quinta. A Cicuta em fim he a ultima planta, que poderia prometter algumas esperanças no allivio das vexações da castidade; porque ella tem a seu favor naõ só os Medicos antigos, mas ainda a alguns Santos Padres, como S. Basilio, e S. Jeronymo; porque este, escrevendo contra Joviniano, diz que os Pontifices do Paganismo se castravaõ com a Cicuta quando entravaõ no Pontificado: *Hierophantas Pontificatum adeptos cicuta se castrasse.* E aquelle testifica, na Homilia quinta *super thex.* haver

ver visto algumas mulheres, que com a bebida da Cicuta haviaõ extinguido seus furores uterinos : *Se vidisse quasdam fœminas, quæ potione cicutæ extinxerint rabiosas cupiditates.* Os Medicos antigos com suas folhas pizadas faziaõ cataplasmas para se porem sobre os lombos, e misturavaõ o seu sumo em injecções uterinas; mas se de seu uso se seguia allivio permanente nos enfermos da lascivia, eu naõ o sei dizer, porque nunca fiz experiencia, nem o tenho perguntado ás pessoas, que usáraõ da cicuta para se curarem de outros males; porque como ellas haviaõ de chegar a tomar grandes doses deste vegetal, e experimentar seus effeitos, tambem poderáõ dizer se he verdade o que deixáraõ escripto os proclamadores da virtude fria, e antiafrodisiaca da cicuta. Com tudo se basta huma conjectura bem fundada, eu diria que a cicuta naõ póde ter tal virtude por ser primeiramente emprenhada de sal ammoniaco, que nunca na Medicina teve a qualidade de refrigerar, mas sim a de diluir, e dissolver por força do movimento de suas particulas finas, e duras, e em segundo lugar, porque conheço a alguns casados, que tomáraõ a cicuta, e nem por isso deixáraõ de continuar a gerar filhos.

Tendo assim satisfeito ao que he necessario saber-se da lascivia, passemos agora ao conhecimento da colera, como enfermidade, e seus remedios fysicos.

CAPITULO XIX.

A colera he enfermidade corporal, que se póde emendar com remedios fysicos.

A Colera tem o nome de Bilis entre os Fysiologicos, e de Ira entre os Moralistas: estes a constituem em hum movimento do appetite sensitivo, que aborrece aquelles objectos, que saõ causas de males, e miserias, que se soffre. He verdade que a alma toma grande parte nesta paixaõ, e se podia dizer que sua origem principal dependia do espirito, por provir daquelle juizo, que ella fórma sobre a estimaçaõ, que se faz da pessoa colerica. Com tudo como naõ ha conhecimento nem juizo, que naõ dependa da organizaçaõ dos sentidos, e entre estes o principal motor saõ os nervos, por isso naõ erraremos, se dissermos ser a colera nos homens huma enfermidade corporal, assim como a he em todos os animaes que naõ tem juizo, ainda que lhe concedamos huma alma com alguns Filosofos contra o sentimento dos Cartesianos, que nelles naõ reconhecem mais que humas machinas bem organizadas.

E na verdade o que se chama Colera, e Bilis he aquelle humor, que se filtra no figado, e de que huma porçaõ se guarda na bexiguinha do fel para dahi vir fluindo, e se unir com outra, que corre do mesmo parenchismo do figado para fazerem ambas a perfeiçaõ do

Chi-

Chilo no inteſtino duodeno, e ſollicitaõ a excreçaõ inteſtinal.

Eſta Bilis, em quanto permanece em ſua qualidade natural, he no corpo huma Medicina geral que entretém a fluidez, e movimento do ſangue: dois requiſitos neceſſarios para ſe prevenir a morte, e as enfermidades: mas quando eſta Bilis ſe muda do eſtado primeiro, e vem a augmentar-ſe, ou diminuir, exaltar-ſe, ou condenſar-ſe, entaõ de medicina que era antes ſaudavel ſe troca em huma origem fecunda de mil enfermidades.

Naõ me toca agora individuar quaes ſejaõ eſtas enfermidades, porque ellas naõ haõ de ſer curadas pelos Senhores Confeſſores, que ſó attendem para aquellas que occaſionaõ peccados, ou para melhor dizer que he o meſmo peccado admittido pela vontade, ou em ſi, ou em ſua cauſa, e effeitos. Quando pois a colera chega a ſer hum peccado capital, entaõ ella he huma enfermidade, que tem ſua origem na agitaçaõ da Bilis, e que communica por ſeu eſtimulo maior movimento nos ſólidos, e liquidos, inverte o influxo do ſucco nervoſo, e faz por conſequencia jogar toda a machina com movimentos taõ perturbados, quaes ſaõ aquelles em que rompe hum homem colerico, e os ſabem pintar, tanto os Fyſicos, como os Moraliſtas. Gritar, blasfemar, injuriar, eſtragar, matar, eis-aqui o que entra no quadro que formaõ os Moraliſtas; porém os Fyſicos, que notaõ naõ ſó o que ſe paſſa no tempo do paro-

roxiſmo furioſo da colera, mas ainda que obſervaõ o que ſobrevem depois de ſeus principios, e impetos, dizem que no tempo do ataque ſe levanta hum ſpaſmo em todo o ſyſtema fibroſo, que contrahe as mininges na cabeça, aperta o cerebro, e o coraçaõ, ſecca a cutis, accelera o pulſo, entumece com ſangue o roſto, e os olhos, excita febres, e delirio, occaſiona convulsões epilepticas, diarrheas, e outras enfermidades que baſtaõ para miniſtrarem provas evidentes de ſer a colera naõ ſó huma paixaõ da alma, porém tambem huma enfermidade corporal, que tira a ſaude, encurta a vida, e chega meſmo a matar de repente.

E com effeito, porque naõ ſerá tambem paixaõ do corpo hum mal, que ſe deriva da deſordem de hum fluido corporal, e que naõ ſe ſentiria na alma, ſe ella naõ eſtiveſſe ligada com o corpo, ou ao menos ſe neſte corpo naõ houveſſem ſentidos por onde ſe tranſmittiſſem ſenſações? Eu bem ſei que naõ ha homem algum, que naõ poſſa ter acceſſos de colera, mas iſto meſmo prova que todos tem em ſeu corpo hum humor, que ſendo deſordenado, communica eſta deſordem á alma com que eſtá unido, e por conſequencia que he a colera mais enfermidade corporal que eſpiritual.

Sim: a colera he paixaõ geral em todos os homens, porém os ſeus furores ſaõ mais de alguns ſujeitos que de outros. Aquellas peſſoas de hum habito de corpo mais ſecco, textura de fibras mais elaſticas, ſenſiveis, e irritaveis,

com

com hum ſangue mais volatil lavado com pouco ſoro, e eſte mais acrimonioſo, e bilioſo, como ſaõ os velhos, magros, homens, e mulheres, em que ſe deſcobre o hyſteriſmo, a hypocondria, a melancolia, ou que habitaõ hum clima mais quente tal como o de Portugal, e do Braſil, de Roma, Africa, &c. aonde eſte vicio ſe podia chamar epidemico, ou que fazem hum uſo frequente de drogas incendiarias ſimilhantes ao cravo, á canella, pimenta, chocolate, chá, café, &c. Eſtes quando por leves occaſiões rompem em grandes iras, naõ ſaõ para admirar, antes admirariaõ ſe naõ tiveſſem hum vicio a que tudo os excita: a natureza os tem feito colericos, e quando ſe lhes ſuſcitaõ encontros, e occaſiões, ſe podia dizer que peccaõ por violencia, ſentindo-ſe ſuas almas arrebatar por huma paixaõ, que perturba toda a machina, e a que quereriaõ reſiſtir por conhecer antes, e depois muito bem ſeus funeſtos effeitos, mas que naõ podem quando huma vez a colera os inflamma, e agita. Ora para remediar taõ grande mal, tem experimentado os Senhores Confeſſores que naõ baſtaõ os remedios moraes, pois os conſelhos naõ fazem impreſſaõ em hum eſpirito perturbado, os jejuns, e penitencias produzem na Bilis mais hum gráo de acrimonia: as orações, e meditações ainda no meſmo tempo que ſe praticaõ naõ podem ter o effeito que ſe deſeja; porque os raciocinios interiores, além de naõ adoçarem hum humor acrimonioſo, avivaõ mais o obje-

ćto

cto que excita a paixaõ, por ser impossivel persuadir-se a alma a si mesmo da malignidade da sua colera, sem fazer entrar em seu discurso todos aquelles sujeitos, e predicados a que sua colera diz respeito. Os remedios fysicos pois saõ os mais necessarios para que os penitentes colericos possaõ moderar suas iras, e naõ romper com excessos que produzem mil escandalos no Christianismo: mas quaes saõ estes remedios que podem fazer tanto a materia da penitencia, como a dos conselhos, que aos colericos devem dar os Confessores? Saõ primeiramente o retiro espiritual de hum dia feito com quietaçaõ tambem do corpo; a abstinencia de comidas bem guizadas, e a parcimonia dos mesmos alimentos sólidos com huma concessaõ ampla de bebidas antiflogisticas, como saõ a agua com limaõ, ou vinagre, o espirito de Vitriolo, o cosimento de Tamarindos com algum nitro, a tintura de rosas tiradas com Vitriolo, a comida de beldroegas, morangos, laranjas, alface, chicorea, o paõ broa de milho, e de senteio, os banhos tepidos emollientes, poucos vestidos, e tudo o mais que conduzir a humectar, dulcificar, refrigerar; porque os humectantes, dulcificantes, e refrigerantes saõ sem dúvida os melhores remedios, que a Medicina tem prescripto para as doenças biliosas; mas como os Senhores Confessores quereráõ achar aqui estes remedios formulados, eu vou a receitar alguns, que poderáõ servir de norma para elles se servirem de outros que encontrarem similhantes.

For-

Formulario da Colera.

Cosimento lenitivo de Boerrhave.

Respice Avea com casca duas onças.
Agua pura tres libras.
Faça cosimento até diminuir huma libra, e então côe, e na coadura misture
Sumo de limaõ fresco huma onça.
Agua distillada de canella duas oitavas.
Xarope de amoras huma onça.
Beba o colerico as vezes que quizer entre dia, que tambem lhe póde servir de alimento.

Outro do mesmo Author.

Respice Avea sem casca duas onças.
Agua pura tres libras.
Faça cosimento a diminuir huma libra, e depois côe, e guarde assim tepido até azedar hum pouco, e entaõ lhe ajunte
Xarope de violas onça e meia,
Vinho branco meia libra.
Agua distillada de casca de cidra onça e meia.
Beba-se entre dia, e se parecer muito deliciosa para materia de penitencia, sempre póde servir para a do conselho com aquelles penitentes, com quem he preciso condescendencia.

Emulsaõ similhante do mesmo Author.

Respice Avea sem casca tres onças.

Faça-se com quanto baste de agua huma emulsaõ, e depois em libra e meia della ajunte,

Nitro depurado huma oitava.
Xarope de violas huma onça.
Vinagre scilitico duas oitavas.

E use o enfermo colerico quantas vezes quizer.

Bebida de Gorter.

Respice Avea limpa tres onças.
Tamarindos meia onça.
Cabeças de papoila branca n. 2.
Agua commua vinte sinco onças.

Faça-se cosimento, e ajunte na coadura

Sal de tartaro vitriolado huma oitava.
Xarope de sumo de cidra huma onça.

E beba o colerico huma onça desta bebida por cada vez entre dia.

Bebida de Geofroy.

Respice Tamarindos duas onças.
Soro de leite duas libras.

Faça ferver hum pouco, e depois cõe, e ajunte

Xarope violado duas onças.

E beba o colerico entre dia quatro onças cada vez.

CA-

CAPITULO XX.

A bebedice he huma grande enfermidade, que nunca se cura com remedios moraes, e difficilmente com os fysicos.

HE para se lamentar, que o vinho sendo na Medicina hum excellente remedio para curar muitas enfermidades, venha elle mesmo a ser por seu abuso hum grande veneno, que mata a muitos depois de os fazer gemer com mil enfermidades. Os Authores de Medicina dizem geralmente, que o uso moderado deste licor prolonga a vida, conserva o corpo em saude, e o espirito em vigor, augmenta em ambos suas faculdades, e sentidos, de modo que Grillus chega a dizer que a Sabedoria dos Gregos se deve attribuir á bondade de seus vinhos, e que só depois que os Turcos arrancáraõ suas vinhas, he que elles decahíraõ tambem daquella fama, que haviaõ adquirido nas Artes, e Sciencias. Tambem os Europeos podem ser considerados mais engenhosos que os Póvos Septentrionaes, só pelo uso moderado do vinho, e parece que até os mesmos Idólatras estavaõ persuadidos desta verdade, quando em seus mesmos Templos punhaõ juntos Bacchus, e Minerva, e naõ davaõ em comida, e bebida aos demais seus Deoses que o nectar, e ambrosia. Sendo pois taõ necessario para a saude este licor precioso, elle he com

tudo o mesmo que accusaõ de malfeitor, naõ só huma infinidade de Medicos, mas tambem os mesmos Poetas, Filosofos, e Oradores, que no seu calor dizem achar seus espiritos, e enthusiasmos, asseverando todos que o vinho destroe a economia animal, porque esquenta muito, altera nossos fluidos, produz a bebedice, ou a perda da razaõ, e dos sentidos, erectiza as fibras, dispõe a hydropesia, a Phthisica nervosa, ao lethargo, a apoplexia, a paralysia, a afonia, e outras enfermidades taõ terriveis como todos os dias se está observando, e se podem lêr no Aforismo 5. do 5. Liv. de Hyppocr., e em todos os seus Commentadores como Galeno entre os antigos, Leaõ, Hecquet, e Gorter entre os modernos, sem fallarmos em Zacuto Lusitano no Liv. 3. da sua praxe admiravel, na observaçaõ 123. *Mercurialis Variar. Lect.* lib. 4. cap. 6. Joannes Langius Epist. lib. 1. cap. 30. Boerrhave *De morbis nervorum.* Seneca na Epist. 83., que compara o vinho ao opio, ao helleboro, e ao veneno pelo nimio somno que produz. Lucrecio no Liv. 3. *De natura rerum* onde pinta bem a bebedice. Cicero no 4. das suas Tusculanas, que ensina a observar, e conhecer, com que licor se formou a bebedice, dizendo que os que se inebriáraõ com vinho, quando cahem, ficaõ de costas extendidos no chaõ, e que a quéda pelos demais licores inebriantes he promiscuamente para algum dos lados, e mesmo para diante a esbarrar os narizes, e ficar abafados com o pó, e lodo da terra. . . . E

E na verdade ſabendo-ſe que o vinho, a aguardente, e mais licores inebriantes tem por primeiro effeito o queimar por ſua acrimonia os capillamentos nervoſos do eſtomago, de que ſe ſegue ſua creſpatura, ſeccura, irritaçaõ, e agitaçaõ· como tambem por ſeus eſpiritos faz expander todos os vaſos, rarefazer os humores, e meſmo condenſá-los como ſuccede coagular a lymfa da boca quando os tomamos na boca, porque deixariaõ de produzir tantos males deſcompondo a economia animal de todos os homens ?. Mas nós devemos admirar porque naõ morrem de repente tantos bebedores de vinho, quando ſó o cheiro do moſto, que fermenta, mata inſtantaneamente como affirma Boerrhave em ſeu livro *De morb. nervor.*? He ſem dúvida nocivo o abuſo do vinho, e mais licores eſpiritoſos, nem he preciſo mais para perſuadir aos Senhores Confeſſores de ſer a bebedice huma enfermidade, do que o lembrarem-ſe elles meſmos da proſtraçaõ de forças, com que ficaõ os que ſe enchêraõ de algum licor. Que fraqueza? Que triſteza? Que pallidez? Iſto he o menos, o mais he ficarem os ebrioſos naõ ſó eſtupidos, e inertes para qualquer funçaõ do eſpirito depois da bebedice, mas ainda o durar-lhe eſta eſtupidez por muitos dias, e ás vezes por toda a vida. Eu naõ me capacitára da verdade deſte fenomeno ſe o naõ tiveſſe viſto, e lido tambem nos Commentarios do grande Gorter ſobre o mencionado aforiſmo de Hyppocrates no livro, que aſſima deixo apontado.

Mas ainda que, o naõ tivesse lido a razaõ o convenceria fazendo ver que a bebedice desordena inteiramente tanto a harmonia das fibras das meninges, e parenchismo do cerebro, como a circulaçaõ, e filtraçaõ do succo nervoso, ou por outro nome espiritos animaes, motores de todas as funções animaes, vitaes, e intellectuaes do homem. Agora o que mais quereráõ saber os Senhores Confessores saõ os remedios fysicos com, que se poderia extirpar o costume de se inebriarem os amantes do vinho? Ao que se póde responder que será difficil acharem-se remedios, que tirem este costume com segurança, ou seja no moral, ou no medicinal; porque conselhos, e remedios moraes naõ podem entrar no conhecimento de homens, que perdendo com a bebedice huma vez sua razaõ, nunca mais a tornaõ a recuperar perfeitamente; e os remedios fysicos eu naõ sei de algum efficaz que naõ possa ser pernicioso; porque huma arrã, huma enguia, hum barbo, affogados no vinho, que se tem dado a alguns a beber para lhes tirar o costume de inebriar-se, lhes tem causado vomitos funestos, seguidos de vertigens que podem metter medo aos Professores, que querem curar sem causar damno: outros remedios preparados tambem com o vinho, como os que se fazem infundindo no dito licor a palmilha suada de humas meias, ou çapatos, hum pedaço de bispote sarrento, a terra do fundo da sepultura, tem mais de supersticioso que de legitimo. O vinho emetico dado

com

com o fim de que provocando o vomito, venha a causar nausea ao enfermo para tudo o que lhe parecer vinho, menos perigo teria se elle podesse ser hum remedio geral para todos sem depender de circumstancias, porém como estas saõ infinitas, e variaõ em cada sujeito, por isso nem ainda deste remedio me atrevo a dizer podem usar geralmente os Senhores Confessores, que naõ tiverem outras luzes maiores da Medicina; com tudo consultando primeiro os Medicos Professores para que digaõ se ha alguma contradicçaõ no sujeito, que se quer curar da bebedice com vomitorio, e praticando depois todas as cautelas, que elle ensinuar, digo entaõ que poderá este remedio ter efficacia, se no tempo da affliçaõ dos vomitos se avisar o enfermo do damno, que lhes faz o vinho, e de nenhum modo lhe declarar a confeiçaõ que tinha o que elle agora bebeo; mas só affear-lhe em geral todo o vinho, para que elle se forme de todo o licor inebriante huma idéa funesta, e lhe ganhe horror.

Porém diraõ, que bem póde ser o enfermo de bebedice algum Ecclesiastico, ou Regular, ou Secular, ao qual naõ se póde induzir o ter horror ao vinho: porque isso seria constitui-lo abstemio, e pô-lo em hum impedimento de celebrar o Santo Sacrificio.

Ao que se podia responder, que pôr ao Ecclesiastico Secular, ou Regular em tal impedimento seria hum procedimento permittido nos Sagrados Canones, que impõem similhantes penas

nas aos Ecclesiasticos, e naõ consente que elles subaõ aos Altares com taes vicios. Porém como estes sujeitos achaõ sempre na santidade, e zelo dos Senhores Bispos, e Prelados quem os castigue com carcerações, e privações do mesmo vinho, bem se vè que lhes naõ saõ necessarios remedios fysicos, e basta para os emendar os remedios Canonicos.

Agora a questaõ que eu mais quizera achar resolvida era: se se póde aconselhar remedios para rebater a bebedice a todos aquelles que sem se emendarem continuaõ a inebriar-se? A dúvida que me embaraça he que, ensinando-se remedios para rebater a bebedice, entaõ ainda com mais arrojo se apegaõ ao vinho os seus amantes, e continuaráõ em seus peccados. Com tudo sempre me parece mais racionavel o dar-se, aconselhar-se, e prescrever-se os remedios indicados para rebater-se à bebedice, ou tambem para se naõ inebriar, e isto pelas razões seguintes. Primeiramente; porque os remedios em si naõ saõ peccaminosos, pois naõ só naõ induzem a novos peccados, mas ainda preservaõ tanto da bebedice material, como de todas as mais culpas, que della se seguem, e quando estas com os remedios se diminuem, sempre ha conveniencia; porque se evitaõ offensas de Deos, e principalmente o escandalo nos Ecclesiasticos, com que outras pessoas tambem se perderiaõ.

Segundo; porque ainda que com os remedios se naõ tira o peccado antecedente da cra-

pu-

pula, pois taes ſujeitos podem continuar a ſer glotões, comendo, e bebendo mais do neceſſario, naõ ſó *uſque ad ſatietatem*, porém tambem ſobre poſſe, ou ſobre a meſma faciedade; com tudo com os remedios elles ſe diſpõem a emendar-ſe do vicio, pois ficaõ com ſeu juizo deſembaraçado para poderem perſuadir-ſe dos motivos da emenda, e ſujeitarem-ſe a cumprir as penitencias de jejuns, e parcimonias que os Confeſſores lhes preſcreverem. Sendo pois louvaveis os remedios preſervativos, quaes ſeraõ elles? Os Authores de Medicina enſinaõ muitos, porém eu direi ſómente os que ſaõ mais faceis, ſeguros, e infalliveis porque ſeus effeitos tem ſido obſervados, e podem muito bem entrar no rol das penitencias que ſe podem impôr aos ebrioſos. O primeiro remedio he a agua fria bebida logo de manhã em jejum, e ſempre antes de comer. O ſegundo he a comida de coiſas ſalgadas, e miſturadas com muito azeite v. g. ſardinhas, bacalháo, &c. couves, e a meſma broa, ou qualquer paõ miſturado com muito azeite. O terceiro he o banho frio, o ſemicupio, ou ao menos o molhamento dos genitaes com a agua fria, ou ſimples, ou miſturada com vinagre. Todos eſtes remedios quebrantaõ o ſpaſmo que o vinho havia produzido com ſua irritaçaõ, impedem que elle fermente, e levantem vapores, e aplacaõ a agitaçaõ dos meſmos eſpiritos que ſe perturbáraõ no cerebro, e mais partes do corpo.

Quarto: o remedio porém mais singular que em Alemanha os Medicos, e o mesmo povo chama a Ancora dos ebriosos, e glotões he o espirito de sal ammoniaco aromatizado oleoso na dose de vinte, até trinta gotas em hum cosimento de funcho, ou de casca de cidra, ou da laranja, porque este remedio praticado em qualquer tempo depois da comida, e da bebida naõ só preserva da bebedice, mas tambem de todos os males que se seguem da crapula, como as convulsões, a afonia, a paralyzia, a apoplexia, e outras enfermidades perigosas como attesta o sabio, e experimentado Medico Jurista, Joaõ Francisco Leaõ na exposiçaõ do 5. afor. da ses. 5. de Hyp. Este remedio manda-se comprar nas boticas, porque os mesmos penitentes naõ teraõ todas as commodidades para o prepararem, mas se as tiverem, e o quizerem fazer será do modo seguinte.

Respice de canella duas onças.
Macis. meia onça.
Cravo da India huma oitava.
Casca de cidra onça e meia.
Sal ammoniaco, e sal tartaro, cada hum quatro onças.
Espirito de vinho doze onças.

Misture-se, e se distille em fogo de area, e guarde-se em garrafa bem fechada para se usar como assima se disse.

Este remedio he da invençaõ de Silvio de la Boe, e póde ser variado nos aromas, porque

que em lugar da Canella, Macis, e Cravo da india, póde entrar a Mangerona, o Tomilho, o Alecrim, e outras plantas cheirosas, ligeiras, volateis, e tambem se póde advertir que quando se distilla este licor a fogo lento se apega no cume do recipiente bastante sal que se póde guardar em garrafas para outros usos, que se quizer na Medicina; porque elle he menos caustico, e mais cordial que o sal volatil da ponta de veado que se prescreve communmente.

Declarados os remedios particulares para as queixas particulares, de que temos tratado, passemos agora a descobrir os remedios geraes para se curar tambem todas estas enfermidades juntas consideradas genericamente.

CAPITULO XXI.

A Dietetica, que a Escriptura Santa prescreve para conservar geralmente a saude dos homens, he tambem o melhor remedio para curar suas paixões, e a melhor penitencia para punir suas culpas.

LEmbrou-me que os Senhores Confessores, estando acostumados a ler sempre pela Escriptura Santa, naõ quereriaõ deferir ás minhas súpplicas por naõ se satisfazerem da narraçaõ, que tenho feito, tanto daquellas enfermidades da carne que saõ peccados, como dos remedios fysicos com que se curaõ, se os naõ achassem tambem narrados, e prescriptos na mesma

Escriptura Santa. Porém graças á bondade do Senhor que nos deo hum livro que em todas as Sciencias nos deixa instruidos se bem o soubermos meditar, e entender. Todas as enfermidades que tenho proposto estaõ em resumo pintadas na Santa Biblia com cores taõ vivas que excedem ao prolixo desenho que dellas fizeraõ todos os Medicos juntos, e seus remedios tambem ahi se achaõ propostos os mais efficazes, e que sendo praticados á risca naõ poderáõ deixar de sortir effeito. Digo que sendo praticados, porque esta he a difficuldade que sempre devemos temer tanto da parte dos Senhores Confessores que os naõ quereráõ applicar, como dos Penitentes que deixaráõ ou de os acceitar, ou de os executar. Naõ sei o que succederá, com tudo sempre os proponho, e queiraõ os Senhores Confessores, e Penitentes naõ frustrar o meu trabalho.

Primeiramente, eu chamo Dietetica Sagrada os remedios que vou a propôr tirados da Escriptura Santa; porque elles saõ aquelles que podem conservar nosso corpo, e alma no vigor da saude, e da justiça, segundo o uso legitimo que delle fizermos. A saude, e boa constituiçaõ destas duas substancias he hum dom celeste mais estimavel que todas as riquezas que se podem adquirir sobre a terra, como falla o Espirito Santo no Eccles., cap. 30. v. 15. por boca de Jesus filho de Sirac. *Salus animæ in sanctitate justitiæ melior est omni auro & argento, & corpus validum quàm census immensus.*

ſus. Sua enfermidade habitual he huma vida enfadonha a que ſe deve antepor a morte, e a eternidade. *Melior eſt mors quam vita amara, & requies æterna quam langur perſeverans*, ibid. v. 17. A ſaude depende do equilibrio da alma com o corpo, quando eſte equilibrio ſe perde por corrupçaõ do corpo, a alma fica entaõ opprimida tambem com enfermidade: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam*, ibid. ſap. c. 9. Igualmente que quando a alma ſe desordena o corpo o ſente, e padece mil enfermidades: *animarum inquinatio omnis mali cauſa eſt*: ſe lê no livro da Saberia c. 14.

Sendo pois a ſaude eſte equilibrio da alma com o corpo, ſó ſeraõ indicados aquelles remedios que concorrem para a conſervar ſempre firme, e permanente: ora em toda a Medicina naõ ſe achaõ outros mais convenientes que o bom uſo das ſeis cauſas chamadas naõ naturaes; logo eſte bom uſo das ſeis cauſas naõ naturaes he que deve ſer propoſto. Tambem a Eſcriptura Santa naõ propõe outros, e na Igreja de Jeſu Chriſto eſtamos vendo que eſtas ſeis cauſas naõ naturaes coſtumaõ fazer o material da penitencia de todos os que temos tido a infelicidade de peccar, logo com igual razaõ as proponho como Dietetica penitencial, iſto he, como remedios que conſervando a ſaude da alma, e do corpo, podem ao meſmo tempo ſer praticadas como puniçoes do peccado.

Mas quaes ſaõ eſtas ſeis cauſas naõ naturaes

re-

recommendadas na Medicina, e na Efcriptura Santa, que haõ de fazer noffa Dietetica, e Penitencia? Saõ todas aquellas que fe tomaõ da condiçaõ do efpirito, do ar, dos alimentos fólidos, e fluidos; faõ tambem as que fe deduzem das acções do mefmo homem, que pertencem ao exercicio, e defcanço, ao fomno, e á vigilia.

Quanto ás condições do efpirito, que a Medicina, e Efcriptura Santa recommendaõ, faõ a alegria, e a paz. Ella diz no cap. 17. v. 22. dos Prov., que hum animo alegre faz huma idade florida, que he o mefmo que dizer conferva o homem no vigor da mocidade. *Animus gaudens ætatem floridam facit*, ou como fe lê em outra verfaõ: *Animus lætus bene medicinam facit*, o animo alegre faz bem á Medicina: o que quer dizer, que a alegria he como huma boa Medicina, com que o corpo, e a alma fe confervaõ livres de doenças; porque na verdade fó a alegria nos livra da trifteza, que no cap. 25. do mefmo livro fe diz fer taõ nociva ao coraçaõ do homem como ao páo he o caruncho, e a traça ao veftido: *Sicut tinea veftimento, & vermis ligno, ita triftitia in viro nocet cordi.* Efta trifteza carnal, que no teftemunho do Medico Fernel enche o efpirito de trévas, hebeta o engenho, impede a razaõ, obfcurece o juizo, deprime a elevaçaõ da alma, fórma com a melancolia penfamentos de defefperaçaõ, e he caufa de que o corpo fe affée com a pallidez, entropeça

com

com' a laxidaõ, ſe entiſique com a magreza, e morra em fim affligido com mil enfermidades frias. Eſta triſteza, digo, bem ſe vê he aquella infernal deſconſolaçaõ, que naõ ſómente acompanha as gentes laſcivas, iracundas, e ebrioſas, quer ellas ſe precipitem nos ſeus peccados reſpectivos, ou delles ſe abſtenhaõ; mas tambem que he cauſa de que as meſmas peſſoas nunca ſe emendem, pois por experiencia ſe ſabe que hum homem laſcivo, quando o domina a triſteza, entaõ he que mais he combatido de penſamentos impuros, e buſca com mais ardor as occaſiões de peccar. Por experiencia ſe ſabe que hum colerico quando triſte toma a crueldade, e fereza das beſtas carniferas; e hum ebrioſo corre entaõ com mais preſſa para o lugar proprio, em que o vinho ſó o contenta. Logo naõ póde haver remedio mais indicado contra a triſteza do que a alegria. Com a alegria ſe fará o eſpirito fervoroſo, o corpo diligente para naõ ſentir trabalho algum na obſervancia das Leis Divinas, e Soberanas; com a alegria venceremos todas as paixões, faremos mais do que devemos a Deos, e aos homens. Oh como ſaõ diverſos os obſequios, que faz hum coraçaõ alegre, e hum coraçaõ triſte, aquelle vôa como a chamma que ſe atêa no canaveal ſecco, e por mais que trabalhe nunca ſe cança, quando eſte ſem nada fazer ſempre ſe lamenta! Mas com que remedios ſe agenciará eſta alegria? Será com a liçaõ frequente da meſma Eſcriptura Santa? Será cantando os

ſeus Pſalmos; ſerá orando a miudo mental, e vocalmente; ſerá em fim fazendo hum uſo moderado do Açafraõ, e do Aipo, iſto he, temperando ſua comida com eſtes vegetaes, a quem Deos ha dado a virtude de produzir eſte effeito, quando delles ſe naõ abuſa com exceſſo, mas ſó por tempero como diſſe. Naõ he preciſo que eu traslade os textos da Eſcriptura Santa, que aſſim o daõ a entender, elles ou ſaõ bem ſabidos, ou faceis a achar, e quando naõ o foſſem baſtava a experiencia para nos deſenganar; experimente-ſe, e ſe verá: experimentem os Senhores Confeſſores impondo por penitencia a liçaõ eſpiritual, o canto ſagrado, e a meditaçaõ das obras de Deos; ajuntem a eſtes remedios theologicos os dois unicos fyſicos do uſo do Açafraõ, e do Aipo, e veraõ como a alegria naſce nos corações de ſeus penitentes, e com ella as luzes celeſtes, que accendem o amor Divino, e daõ alentos para a execuçaõ de ſeus preceitos, e perſeverança nas virtudes.

Depois da alegria, he a paz o ſegundo remedio que melhor convem á ſaude da alma, e do corpo. Poſſuir eſte dom do Eſpirito Santo he o meſmo que haver conſeguido victorias da laſcivia; colera, bebedice, e demais vicios, conſerva-ſe com a paz o equilibrio entre as duas ſubſtancias, que compõem o ſer do homem, hum movimento regular nos fluidos animaes com que ſe continuaõ, e conſervaõ em proporçaõ todas as operações humanas, iſto

he,

he, o eſpirito, e o corpo ſe vigoraõ, aquelle raciocina com toda a claridade, e profundeza, e eſte naõ desfallece com doenças, ou movimentos tumultuarios que o diſcompõe. E na verdade ſe a perturbaçaõ da conſciencia he hum bicho que róe o coraçaõ dos que ſomos infelices peccadores; ſe a laſcivia, a colera, a ebriedade trazem comſigo os ciumes, invejas, perda de ſomno, cuidado de agenciar riquezas, e outras inquietaçóes que entiſicaõ a carne, como diz o Eſpirito Santo no Eccleſ. *Tabefaciunt carnes.* Naõ havendo eſtes vicios ficará a alma ſocegada, e naõ deixará o corpo de ter ſaude.

Mas por que meios ſe conſeguirá eſta paz? Será primeiro pela Confiſſaõ, e Communhaõ frequente; ſerá em ſegundo lugar pelo uſo dos remedios fyſicos, que aſſima ſe deixáraõ preſcriptos contra os tres vicios declarados. A Confiſſaõ alimpará a conſciencia dos peccados, a Communhaõ mudará para Deos os affectos, e apegos que ſe tinhaõ ás creaturas, e deſenganará das vaidades da vida; os remedios fyſicos em fim extirpando aquellas concupiſcencias, que ſe levantaõ dos ardores da carne, ficará o homem livre da eſcravidaõ, e tyrannia do peccado, e vivirá em paz com Deos, comſigo, e com os demais homens.

Fallando agora das demais cauſas naõ naturaes, que pertencem ao corpo, e que haõ de fazer a materia da Dietetica, ou Penitencia dos que ſomos miſeraveis peccadores; vem primeiro para ſer conſiderado o ar, do qual

tem o homem tanta necessidade para viver, que hum momento só que lhe falte diz Hypoc. lib. de Flatib. §. 6. *Brevi tempore illi esse pereundum*, faltará com o ar a respiraçaõ, e a palavra, que he como a chamma que conserva o alento vital de nosso coraçaõ, e que faltando se dissipa a nossa vida, como o vestigio de huma nuvem, e dissolve o laço de nossa alma com nosso corpo como se dissolve a librina ferida dos raios do Sol que a affugenta: *Et sermo scintilla ad commovendum cor nostrum qua extincta transibit vita nostra tanquam vestigium nubis, & sicut nebula dissolvetur quæ fugata est a radiis solis*, lib. sap. c. 2. Este ar para ser saudavel he necessario que seja puro, porque quanto mais puro he tanto melhor promove a circulaçaõ do sangue, augmenta o tom das fibras, favorece a transpiraçaõ do corpo, e firma as forças do espirito; mas quando o ar está inficionado cheio de particulas heterogeneas, e maleficas, entaõ bem longe de ser proveitoso, nem para o corpo, nem para o espirito, he a origem de todas as enfermidades naõ só epidemicas, que destroem o corpo como a peste, a lepra, o escorbuto, as bexigas, sarampos, malinas, diarrheas, e o mesmo gallico, mas tambem de todos os males, que pervertem o espirito, como a loucura com todas as suas especies, a tristeza, melancolia, colera, lascivia, desesperaçaõ, &c. Disto se deixa ver a bondade de Deos, que por sua providencia singular ha deixado leis, que pres-

prescrevem tudo o que póde inficionar o ar, ou fazer maligno o seu uso. Lea-se do Levitico os cap. 11., e 13., e consideremos que o fim, por que se manda separar os leprosos para fóra dos arraiaes, naõ he outro que o evitar a infecçaõ do ar, com que os demais homens se inficionariaõ. Ora naõ he só a lepra enfermidade epidemica, tambem todas as demais que assima se faz mençaõ produzem no ar huma corrupçaõ, que damnifica a todos que o respiraõ. Naõ ha creatura lasciva, colerica, e ebriosa, que naõ exhale de seu corpo hum fortum pestilente, alguns Santos conheciaõ pelo cheiro o estado, e qualidade do peccado, em que estavaõ muitas pessoas, e até as mesmas abelhas naõ podem aturar o bodum, e catinga do homem, e mulher lascivos, segundo o dizem, e observaõ os Naturalistas nestes insectos, e outros animaes.

Sendo assim de que modo poderáõ os Senhores Confessores prescrever o uso do ar aos seus penitentes, para que lhes seja saudavel? Naõ outro mais do que o que está mandado pela mesma Escriptura, e pelo mesmo Deos. Prescrevaõ que se separem do meio das creaturas, e que vivaõ em retiro longe das Cidades, que trabalhem ao ar livre dos campos, e quintaes, que de nenhum modo passêem por certas ruas infames, nem vaõ ás casas das meretrizes, e do jogo, ás tabernas, e outros lugares onde fysicamente se respira hum ar pestilente, ou inficionado com exhalações, que se

levantaõ dos córpos minados de doenças, taes como o gallico ſempre exiſtente nas mulheres laſcivas. Repito que eſte retiro que os Senhores Confeſſores podem preſcrever aos penitentes he ſómente aquelle, que ſe ha de praticar ao ar livre, ou em o trabalho do campo, ou em as caſas dos meſmos penitentes com as janellas abertas; porque eſte genero de retiro he compativel com todos os eſtados, quer os penitentes ſejaõ Eccleſiaſticos, quer ſejaõ Seculares, pois aſſim cada hum ſe póde occupar, ou em ler, e meditar, ou a eſcrever, pintar, lavrar, cozer, fiar, e outros trabalhos de mãos proprios de cada arte, e officio, mas por eſta declaraçaõ, que faço do modo do retiro, quero pedir aos Senhores Confeſſores conſiderem que legitimamente naõ tem juriſdicçaõ para impôrem por penitencia certos retiros, que ſaõ humas eſpecies de prizões em camarins fechados, aonde ſe eſtragaõ os córpos dos penitentes pelo veneno que de ſi meſmos ſe exhalaõ, pois he claro pelas regras da ſã Moral, que ninguem deve concorrer para o damno corporal do ſeu proximo, nem Deos quer que o peccador ſe procure pela penitencia huma morte, que elle lhe naõ dá. A meſma Igreja guiando-ſe pelo eſpirito de Jeſu Chriſto, e dos Apoſtolos, naõ impõe em ſeus Canones outro retiro que o eſpiritual, ou aquelle que ſe pratica em lugares ſaudaveis; recommendando a todos os Sacerdotes o eſpirito de lenidade para com elle evitarem tudo quanto póde concorrer para a morte dos homens.

Quar-

Quarta : outra parte da Dietetica Sagrada he o uſo da comida, ſobre a qual a Eſcriptura Santa nos recommenda a ſobriedade como hum remedio para a conſervaçaõ da ſaude da alma, e do corpo; porque a gûla foi ſem dúvida ſempre a cauſa ordinaria naõ ſó de todas as enfermidades corporaes, mas tambem das eſpirituaes; a crapula tem dado a morte a muita gente, como ſe lê no cap. 37. do Eccleſ. *In multis enim eſcis erit infirmitas & propter crapulam multi obierunt* : E na verdade naõ ſó a Eſcriptura Santa nos faz lembrar que os peccados dos Pentapoliſtas tiveraõ ſua origem na fartura do paõ, mas tambem a Medicina tem obſervado que com a muita comida ſe opprime o eſtomago, diminue a ſua força, o chilo fica cru pela inſufficiencia da lynfa gaſtica, e ficando cru naõ ſe miſtura depois bem no ſangue, nem com elle ſe aſſemelha, mas ſe ſepara, e ſe converte em humores acidos, biliosos, e podres, que vem cada hum a ſer origem de mil enfermidades agudas, e chronicas como Hypp. o comprehende em huma ſó palavra do ſeu afor. 17. do liv. 2. *Ubi cibus præter naturam copioſior ingeſtus fuerit morbum facit.* Pouco baſta para a conſervaçaõ da ſaude do corpo, e da alma, a comida principal, e que he neceſſaria a todos os viventes, naõ he mais que o paõ, e agua, aſſim ſe lê no Eccleſ. *Initium vitæ humanæ aqua & panis.* O paõ tem huma virtude cordial, e confortativa como cantou o Profeta Rei. *Panis*

cor

cor hominis confirmat. Depois do paõ as hervas, e os legumes fizeraõ ſempre a comida dos Santos, que conſerváraõ ſeus córpos, e ſuas almas em ſaude perfeita. Os tres meninos Judeos na Babylonia ſeraõ eternamente hum teſtemunho authentico para comprovar que os legumes ſaõ hum alimento ſaudavel, que nutre bem ſem deixar no corpo aquellas acrimonias, que depois de o irritar excitaõ as paixões da ira, e da laſcivia. Logo o paõ, as hervas, e os legumes devem ſer alimentos bem indicados nas tres enfermidades, que os Senhores Confeſſores devem curar, como tambem ſaõ os meſmos que devem fazer a materia da penitencia nos jejuns, com que a Igreja pune ſimilhantes culpas dos homens. E naõ ha dúvida porque baſtava ſer eſta huma verdade dictada pelo meſmo homem Deos, para todos nos capacitarmos, ſer o jejum com a oraçaõ hum remedio infallivel para curar a laſcivia dos peccadores. O que ſe pede demais huma attençaõ nos Senhores Confeſſores, e penitentes, he que huns, e outros naõ conſintaõ naquelles jejuns, que ſe fingem com a comida abundante da variedade de carnes ao jantar, e huma leve conſoada á noite; ainda naõ diſſe tudo; naquelles jejuns que ſe fazem, tomando-ſe entre dia boas chicaras de chá, café, chocolate, vinho, agua, e outras bebidas, que no eſpirito dos Santos Padres, e da meſma Medicina quebra o jejum; porque naõ ſó ſuſtentaõ o corpo, mas o enchem de hum fluido acrimonioſo, que excita

mais

mais a propensaõ á lascivia, ira, e outras paixões. Queiraõ todos com sinceridade diante de Deos cumprir a penitencia do jejum, alimentando-se huma vez sómente, ou de paõ, e agua, ou junto com suas hervas, frutas, e legumes: tudo o mais, e ainda o mesmo peixe, que a Igreja naõ prohibe, só póde servir de regalo, e naõ para materia de penitencia. O Doutor Hecquet, Medico de París, no Livro, que fez imprimir sobre as dispensas do jejum, prova com evidencia, que o peixe sendo hum alimento saudavel, naõ he conveniente a quem naõ quer ser atormentado de estimulos venereos: porque diz elle, he alimento que produz muitos succos, e por consequencia faz nos genitaes abundar o seu fluido estimulante. E se o peixe produz este effeito, que se ha de dizer do leite, ovos, &c. que tanto nutrem? Que se ha de dizer de todos os generos de guizados, cheios de mil adubos, e especierias todas causticas em si mesmas? Eis-aqui pois o modo que os Senhores Confessores haõ de impôr por penitencia naquelles jejuns que prescrevem aos penitentes, se querem que este remedio Divino naõ perca sua efficacia, e se troque em hum pallio para sómente cobrir a hypocrisia, e enganar aos mesmos penitentes.

Quarta. Com a comida se ajunta a bebida, e esta concorrendo mais que tudo para a conservaçaõ da saude, tanto do corpo, como da alma por poder ella só fazer a materia da penitencia dos peccadores arrependidos. Ora naõ

ha bebida mais ſaudavel do que a agua : com ella he que vivem todas as creaturas, nem Deos criou outra para a conceder a todos os viventes ſem excepçaõ. Os Medicos tem eſcripto grandes volumes, para moſtrar que a agua he naõ ſómente hum alimento proprio dos homens, mas tambem hum remedio univerſal para todas as enfermidades. Póde-ſe ler entre muitos Authores a Lanſano, e Hoffman, que em Livros, e Diſſertações provaõ com razões, e experiencias a bondade deſte fluido univerſal na conſervaçaõ da ſaude de todos os viventes, e na cura de ſuas enfermidades agudas, e chronicas; mas depois de ſe ler tantos elogios da agua, que Confeſſor haverá deſejoſo da ſalvaçaõ de ſeus confeſſados, que a naõ preſcreva ſempre nos jejuns que lhes daõ por penitencia? Sim, naõ ſe duvída que os Senhores Confeſſores preſcreveráõ a agua por bebida nos jejuns, que impõem por penitencia, e meſmo a preſcreveráõ taõ reſtrictamente, que prohibaõ todas as demais bebidas de vinho, café, chá, chocolate, limonadas, &c. naõ ſó no tempo do meſmo jantar, porém muito mais fóra delle.

Agora conveniente ſerá ſaber-ſe, ſe podem os Senhores Confeſſores prohibir tambem a bebida da meſma agua, ou abſolutamente toda em todo o dia, ou ao menos ſómente fóra da unica comida? Ao que ſe reſponde, que a prohibiçaõ da bebida fóra da comida he inteiramente conforme á pratica, que teve a Igreja nos ſeus primeiros ſeculos doirados: porque da

Hiſ-

Historia, e dos escriptos dos Santos Padres se comprehende, que os Fiéis nos seus jejuns naõ bebiaõ licor algum fóra da comida, e que da mesma agua se abstinhaõ em quanto naõ chegava o tempo da refeiçaõ; e assim obrigando os Senhores Confessores aos seus penitentes a praticar esta abstinencia da agua, faraõ huma renovaçaõ louvavel no Christianismo, e que tambem nada tem de incompativel com a saude, porque a natureza naõ quer ser opprimida com bebidas, e se contenta com aquella que se permitte no tempo da comida, por lhe bastar esta para se tirar do alimento huma emulçaõ doce, e proporcionada a todos os fluidos, que se haõ de reparar no corpo humano.

Quando porém se naõ permittisse bebida alguma, nem no tempo da comida, nem fóra della, entaõ poderia a saude alterar-se, e com effeito se alteraria se a prohibiçaõ total da bebida, fosse estendida a muitos dias; porque entaõ os fluidos animaes viriaõ a adquirir grande espessura, e desta espessura se seguiriaõ estagnações, ou encalhes inflammatorios, que por gráos subiriaõ em malignidade até á morte; ou concorresse em occasiaõ de comidas salgadas, e defumadas, que requerem agua para se deluirem, e naõ deixarem em todo o corpo impressões da sua salsugem caustica; pois he certo na Medicina, que muitas enfermidades da pelle, como a lepra, a sarna, os herpes, &c. saõ ordinariamente occasionadas pela comida de peixes, e carnes salgadas, sobre que depois

naõ se bebeo bastante agua, e por vezes repetidas.

Causando pois esta abstinencia total da bebida damnos gravissimos, fica claro que naõ será licito aos Senhores Confessores, e mesmo aos penitentes concorrer para elles, impondo a huns por penitencia, e outros acceitando-a. Bem vejo que alguns ascesticos diraõ, que he licito aos Christãos mortificarem sua carne até mesmo cahirem fracos, e enfermos; e que assim o fizeraõ muitos Santos que respeitamos nos Altares; porém o que respondo he que similhantes obras de Santos saõ muito mais para admirar que imitar, pois naõ he sempre o mesmo espiritos de Deos, que conduz a todos a taes excesso, mas que muitos enganados pelo espirito da soberba, cuidaõ com taes mortificações que se fazem grandes homens na santidade, e ficaõ reputados no juizo dos prudentes por grandes destruidores da natureza, e inversores de suas leis. Deixemos aos Santos obrar como Santos, quando Deos nos der as mesmas graças que a elles ha dado, entaõ faremos os excessos que elles fizeraõ.

Quinta. Mas naõ he só a moderaçaõ na comida, e bebida a que he saudavel para o corpo, e alma; tambem o he aquella moderaçaõ que regula o nosso descanço. Moderaçaõ, digo, no descanço, naõ só aquella que evita à ociosidade, e faz occupar o dia em algum trabalho, mas a que sabe combinar o somno com a vigilia, e prescreve a cada hum seus tem-

tempos determinados. Huma ociosidade inteira sem trabalho algum foi sempre reputada por mãi dos vicios moraes, e causadora de muitas enfermidades corporaes. A Escriptura Santa está cheia de sentenças, e exemplos, que comprovaõ esta verdade, igualmente que de exhortações a trabalharmos. S. Paulo quer que naõ coma o que naõ trabalha: *Siquis non vult operari, non manducet*, e o Ecclesiastico nos declara a utilidade deste trabalho quando nos diz que se em todas as nossas obras formos velozes, promptos, diligentes, enfermidade alguma naõ nos opprimirá. *In omnibus operibus tuis esto velox, & omnis infirmitas non occurret tibi*, cap. 31. vers. 27., o que he muito conveniente na verdade, porque nada promove melhor a circulaçaõ do sangue, e depura nossos humores como o movimento exterior de nossos musculos; com este movimento se attenuaõ os fluidos mais crassos, augmenta-se o calor vital, facilita-se a transpiraçaõ, evapora-se toda a humidade superflua, e se adquire a robustez, e saude do corpo, e da alma. Naõ eraõ precisas razões para nos capacitarmos da utilidade do trabalho, bastava a experiencia que cada dia nos mostra a todos os trabalhadores naõ só mais robustos, porém tambem mais innocentes. A Medicina naõ descobre as dores de pedra, gotta, a hypocondria, a cachexia, o escorbuto, a hydropizia entre os lavradores, que passaõ a vida no trabalho, como tambem naõ tem a Theologia descuberto entre elles

aquella frequencia de peccados abominaveis, que fazem horror á humanidade. Sendo pois o trabalho ſaudavel, e por conſequencia malefica ſua inteira privaçaõ, fica claro que no número das penitencias, que impõem os Senhores Confeſſores, huma dellas devia ſer o trabalho preſcripto conforme as circunſtancias do eſtado dos penitentes. Que mais proveitoſa penitencia para os Religioſos, e Eccleſiaſticos que a do eſtudo, e eſcrever por tempo de tres, e quatro horas cada dia? O pintar, bordar, &c., e outras obras louvaveis naõ póde ſer huma penitencia bem Medicinal para muitas Freiras, Frades, e Clerigos, e meſmo Seculares, que vivem na relaxaçaõ, e deſordem, ſempre ocioſos, ou vagabundos? Que mil officios ſe tem inventado, e cada hum delles naõ podia fazer a materia de penitencia de tantos, que ſó cuidaõ em paſſear, e peccar? Mas porque naõ impõem os Senhores Confeſſores eſtas penitencias? Naõ ſaõ elles bem indicados para a reforma dos coſtumes? Pois quem os impede.

Sexto. Tambem a moderaçaõ no ſomno devia fazer huma penitencia bem ſaudavel para todos os peccados. O ſomno ſem dúvida foi ſempre neceſſario para conſervar as forças do corpo, e eſpirito; mas iſto ſe entende do ſomno moderado, porque o exceſſivo taõ longe he de ſer ſaudavel, que foi ſempre pernicioſo. Salomaõ no cap. 6. dos Prov. nos diſſuade deſte ſomno, porque ſeu effeito he gravar a cabeça, induzir torpor de todo o corpo, tirarlhe

lhe a agilidade, impedir o influxo dos espiritos animaes, incrassar o sangue, e produzir mil enfermidades chronicas, que saõ seguidas da lascivia, e mais vicios, que encurtaõ a vida com sua execuçaõ. *Ne dederis somnum oculis tuis, nec dormitent palpebræ tuæ.*

Sendo assim naõ he bem conforme ao espirito da Igreja imporem-se por penitencia as vigilias? Para que praticou ella por muitos seculos estas vigilias, e faz hoje sua commemoraçaõ nas maiores solemnidades? He só para ostentar huma ceremonia inutil? Sem dúvida que naõ, mas sim para excitar aos Senhores Confessores a fazella observar por penitencia daquelle modo, que evita os abusos, que houveraõ, e seja inteiramente saudavel para as almas que as praticaõ; o que quer dizer que os Ecclesiasticos, e Seculares podem observar estas vigilias no escondrigio de suas casas occupados na liçaõ santa, e na oraçaõ, ou em outros trabalhos louvaveis, e virtuosos. Mas diraõ que as vigilias tambem naõ saõ saudaveis para o corpo, porque dellas resultaõ indigestões, a pallidez do rosto, o encovamento dos olhos, a tristeza, a magreza, como o mesmo Ecclesiastico o faz entender no cap. 31. quando diz: *Vigilia honestatis tabefaciet carnes*: Porém a isto se responde, que estas vigilias nocivas saõ aquellas que saõ contínuas, e praticadas por muitos tempos successivos, e naõ aquellas que se houvessem de praticar conforme o espirito da Igreja, sómente nas vesperas de suas

maio-

maiores ſolemnidades ; podem eſtas mortificar alguma coiſa a carne , porém nunca lhe ſaõ nocivas , mas antes ſaudaveis , porque as faz diminuir hum pouco da plethora, que accummuláraõ com a nimiedade do ſomno, que lhe ha precedido. Podem pois os Senhores Confesſores impôr eſta penitencia ſem ſuſto de prejudicarem com ella aos ſeus confeſſados , mas antes com eſperança de melhor reformar os ſeus coſtumes.

Expoſta aſſim a Dietetica Sagrada , que deve entrar na Medicina, com que os Senhores Confeſſores haõ de curar ſeus confeſſados dos tres vicios, ou enfermidades, que ſe tratáraõ nos Capitulos precedentes, reſta agora o perſuadirem-ſe os Senhores penitentes , que a confiſſaõ ſerá para elles o remedio que melhor os curem de ſuas doenças ; mas para fazermos tudo com methodo, e diſtincçaõ, ſeja o ſeguinte :

CA-

CAPITULO XXII.

A Confissaõ frequente he o remedio moral, e fysico mais util para curar as enfermidades da lascivia, colera, e bebedice.

NAõ he duvidosa a proposiçaõ deste ultimo Capitulo. A Escriptura, e Santos Padres a tem estabelecido, e os mesmos Hereges naõ deixaõ de reconhecer sua verdade. Sant-Iago nos exhorta que confessemos huns aos outros nossos peccados : e S. Paulo assevera que a Confissaõ se faz para por ella se conseguir a saude : *Confessio fit ad salutem* : Saude sim, naõ só da alma, mas tambem do corpo; porque primeiramente sendo certo pela fé, e experiencia, que a innocencia, e a piedade he util para tudo, e que principalmente nella temos vinculadas as promessas favoraveis, naõ só a esta vida presente, mas tambem á futura como diz S. Paulo no cap. 4. da 1. Epist. a S. Timoth. *Pietas autem ad omnia utilis est promissionem habens vitæ, quæ nunc est, & futura.* E sendo em segundo lugar tambem certo que a reverencia que mostramos a Deos, isto he, a obediencia prática ás suas vontades, e o cumprimento de suas leis influe em nossos corações hum prazer amavel, huma alegria celeste, hum contentamento divino, vem tambem a ser certo, que esta mesma innocencia, piedade,

de, e reverencia para com Deos nos ha de conservar em huma vida permanente, e prolongada com saude corporal, e espiritual neste mundo, e no outro: *Timor Domini delectabit cor, & dabit lætitiam & gaudium, & longitudinem dierum*: disse o Eccles. cap. 1. vers. 11.

Ora que a alegria do coraçaõ seja huma Panacea geral para a conservaçaõ da vida, e saude, naõ ha Medico algum que o naõ tenha lido em todos os Authores da Medicina, e que deixe de a aconselhar a seus enfermos; porém qual seja o remedio seguro, e infallivel para conseguirmos esta alegria, podemos todos dizer que he a Confissaõ; porém ninguem o póde ministrar senaõ os Senhores Confessores.

Aos pés destes Ministros do Altissimo he que achamos o nosso remedio geral, e sempre saudavel. A Confissaõ frequente sincera, e voluntaria, que lhe fazemos de nossas culpas, he a que nos faz levantar intimamente consolados, e por consequencia com hum esforço, que nos sustenta na graça de Deos, e nos ajuda a resistir a todas as tentações da carne, do mundo, e do Demonio. Que consolaçaõ o saber que se confessamos sinceramente os nossos peccados aos Ministros de Deos, este Senhor como justo, e fiel em suas promessas nos remittirá as nossas culpas! Pois assim o diz S. Joaõ, este Apostolo taõ amado do Senhor, e taõ amante dos homens todos: *Si confiteamur peccata nostra fidelis est & justus, ut remittat nobis.* Ainda

que

que naõ tiraſſemos outra utilidade da Confiſſaõ mais, que a remiſſaõ de noſſos peccados, e a alegria que della ſe ſegue, iſto baſtava para que nos chegaſſemos continuamente ao Tribunal da penitencia; mas ſe a eſte penſamento ajuntarmos o de que os Senhores Confeſſores nos podem enſinar tambem os remedios fyſicos com que moderemos noſſas paixões, e curemos noſſa laſcivia, extingamos noſſa colera, e evitemos a embriaguez, entaõ qual ſerá a utilidade que confeſſemos haver achado na Confiſſaõ Sacramental? Seraõ tantas quantas ſaõ as virtudes, que podemos praticar conduzidos da graça do Eſpirito Santo: ſeraõ tantas, quantos os frutos que no Chriſtianiſmo chamamos do Eſpirito Santo, e que ſe podem todos deduzir da innocencia.

Vamos pois, penitentes, vamos ao noſſo Tribunal da Penitencia: buſquemos eſtas fontes do Salvador com mais ancia do que a corça ſequioſa buſca a torrente dos rios para ſe refrigerar com ſuas aguas. A Piſcina eſtá patente a todo o mundo, temos homens nos Senhores Confeſſores que nos ajudem a entrar nella, naõ falta mais que a noſſa vontade. Tenhamos pois eſta vontade, e para a ter nos movaõ as noſſas meſmas doenças, excite-nos a noſſa meſma neceſſidade. Naõ podemos ter trabalho em nos conhecer; porque noſſa meſma conſciencia nos deſperta clamando continuamente que eſtamos cheios de miſerias. Eſtamos ſim cheios de miſerias, porém naõ deixaõ de haver remedios

para ellas. Os Senhores Confessores os tem como bons Medicos, e haõ de querer applicar-nos todos com compaixaõ de nós mesmos. Vamos, vamos buscar os Senhores Confessores com todos os affectos possiveis, e depois de os acharmos, e expormos nossas miserias, façamos juntos a súpplica seguinte:

CAPITULO XXIII.

Súpplica aos Senhores Confessores.

Soberanos Ministros do Altissimo.

NÓs os peccadores confessamos aos vossos pés nossos peccados todos, mas no proposito da emenda, que devemos protestar, naõ vos podemos asseverar, que entre huma segurança firme de naõ recahirmos nos tres peccados da lascivia, colera, e bebedice, a que nos havemos habituado. Estes tres peccados, sendo na verdade que naõ nos tiraõ a liberdade para os evitarmos, nos tentaõ com tudo com tantos enganos, e attracções, que naõ nos atrevemos a deixá-los. Até agora quasi desesperados do remedio naõ o temos buscado. Nós nos persuadimos que nossos máos habitos depois de se converterem em nossa natureza já naõ podiaõ ser extirpados sem destruiçaõ da nossa alma. Estamos desenganados, descobrio-se huma Medicina, que mudando os nossos ditos máos habitos nos faz possuir no corpo, e na alma huma

ma ſaude perfeita. Vós ſois, Senhores Confeſſores, os que poſſuis eſta Medicina: curai-nos pois, tende de nós compaixaõ porque vo-lo pedimos com as meſmas inſtancias, com que os enfermos pediaõ ſua ſaude a Jeſu Chriſto noſſo primeiro Medico, a quem vós imitais, caminhando pelos paſſos de ſua meſma miſericordia. Nós fomos como ovelhas entregues ao voſſo cuidado, naõ nos deixeis perecer devorados pelos lobos de noſſas paixões. Affugentai, matai eſtas féras peſſimas para que appareçamos no meio do Rebanho do Senhor como Cordeirinhos bem lavados, que ſobem das fontes da vida. Dai-nos remedios a noſſos males, enſinai-nos com que Medicina nos curemos, que nós em retribuiçaõ pediremos tambem a Deos vos encha de ſciencia, e ſantidade para continuardes a ſer em ſua Igreja como luzes brilhantes, que illuminaõ a todo o homem, e o ſal da terra, que a preſerva da corrupçaõ. Amen.

INDEX
DOS CAPITULOS QUE CONTEM ESTE LIVRO.

PRefaçaõ. Pag. 3.
CAP. I. *Os Senhores Confessores devem ser chamados Medicos do homem, e naõ só do seu espirito.* 9.
CAP. II. *Se póde ser bom Confessor o Theologo, que for bom Medico.* 20.
CAP. III. *O Confessor deve tambem saber Medicina corporal.* 25.
CAP. IV. *Basta que os Senhores Confessores saibaõ a Neurologia.* 30.
CAP. V. *Da mudança morbifica, que produz no homem as suas paixões.* 34.
CAP. VI. *O Amor he enfermidade.* 38.
CAP. VII. *A Nostalgia, ou Saudades he enfermidade.* 45.
CAP. VIII. *A Erotomania, ou loucura amorosa he grande enfermidade.* 51.
CAP. IX. *O Satyriazes, ou Salacidade, e nimia propensaõ aos prazeres de Venus, he nos homens a maior enfermidade lasciva.* 57.
CAP. X. *Da Nymfomania, ou furor uterino das mulheres.* 61.
CAP. XI. *Os prazeres do amor tomados com excesso, ou intempestivamente, saõ causa de muitas enfermidades dos casados.* 66.
CAP. XII. *Dos Remedios formulados conve-*

ve-

venientes no Satyriazes, e furor uterino, como tambem nas exbaurições por abuso do Matrimonio. 73.

CAP. XIII. *Os Remedios tirados do Vitriolo, e combinados com outros licores refrigerantes saõ os mais efficazes antiafrodisiacos.* 78.

CAP. XIV. *Os Remedios acidos tirados do vitriolo quando delles se abusa por mais de quarenta dias, ou naõ se praticaõ outros ao mesmo tempo, produzem a castraçaõ, e mais enfermidades geraes, que se derivaõ dos acidos.* 82.

CAP. XV. *No uso dos Vitriolados se devem interpolar os absorventes, e alcalinos.* 85.

CAP. XVI. *Os Confessores podem aconselhar, e precresver os remedios fysicos antiafrodisiacos.* 90.

CAP. XVII. *Naõ ha mais perfeiçaõ, nem tambem maior merecimento na luta da concupiscencia, do que ha de perfeiçaõ, e merecimento no exercicio pacifico das virtudes.* 93.

CAP. XVIII. *Nem todas as drogas, que alguns Medicos gabaõ, saõ geralmente antiafrodisiacas para todos.* 102.

CAP. XIX. *A colera he enfermidade corporal, que se póde emendar com remedios fysicos.* 108.

CAP. XX. *A bebedice he huma grande enfermidade, que nunca se cura com remedios moraes, e dificilmente com os fysicos.* 115.

CAP.

CAP. XXI. *A Dietetica, que a Escriptura Santa prescreve para conservar geralmente a saude dos homens, he tambem o melhor remedio para curar suas paixões, e a melhor penitencia para punir suas culpas.* 123.

CAP. XXII. *A Confissaõ frequente he o remedio moral, e fysico mais util para curar as enfermidades da lascivia, colera, e bebedice.* 143.

CAP. XXIII. *Súpplica aos Senhores Confessores.* 146.